

# CADERNO DE ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

## GÊNEROS E SEXUALIDADES NA ESCOLA

Rosylene Conceição Soares Cutrim

LGBTIQFOBIA

Não é não!

Amor

Pluralidade

SEXUALIDADES

GÊNEROS

DIVERSIDADE

Cisgênero



São Luís

2020



REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO-UFMA

Prof. Dr Natalino Salgado

PRÓ REITOR DA AGÊNCIA DE INOVAÇÃO, EMPREENDEDORISMO, PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INTERNACIONALIZAÇÃO (AGEUFMA)

Prof. Dr. Fernando Carvalho Silva

COORDENADOR DO PROGRAMA DO PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO GESTÃO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO BÁSICA – PPGEEB

Prof. Dr. Antonio de Assis Cruz Nunes

ORIENTADORA DA PESQUISA

Profª Dra Sirlene Mota Pinheiro da Silva

ILUSTRAÇÃO

Débora Campos

DIAGRAMAÇÃO

Débora Campos

ORGANIZAÇÃO

Rosylene Conceição Soares Cutrim

GRAVURAS E IMAGENS

2020 Copyright canv



Meninas brincam de bonecas e meninos de futebol?

Falar sobre sexualidade, eu???

Meninas vestem rosa e meninos vestem azul?

E A EDUCAÇÃO COM TUDO ISSO?

Meninas possuem os mesmos direitos que meninos?

Abstinência sexual?

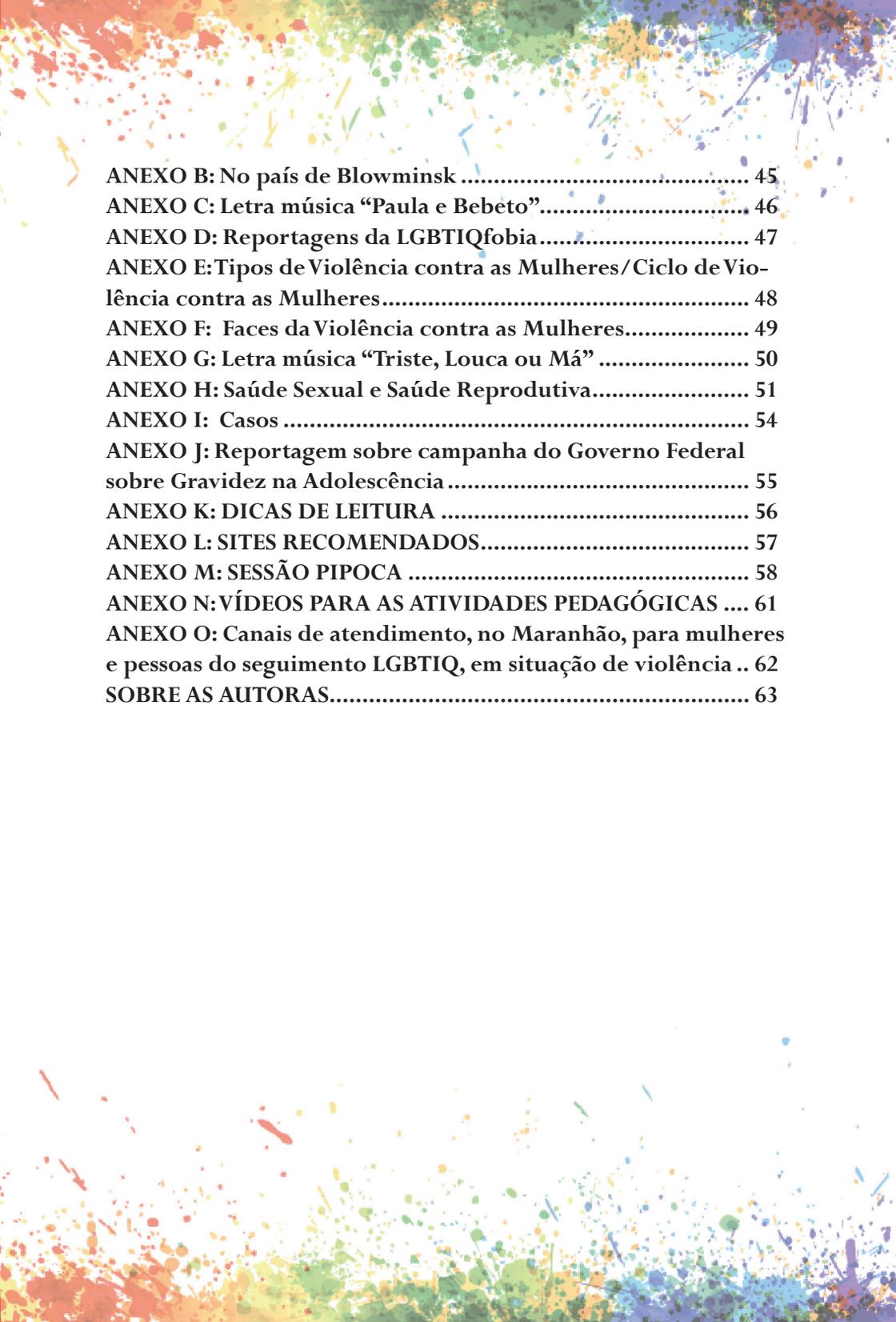
Escola sem partido?

Heteronormatividade heterossexismo e heterossexualidade compulsória??

Ideologia de Gênero?

## SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO .....	6
2 POR QUE A ESCOLA PRECISA FALAR SOBRE DIVERSIDADE, GÊNEROS E SEXUALIDADES? .....	7
3 DIVERSIDADES – Convivendo com diferenças e defendendo as igualdades .....	11
3.1 Atividade 01 - Mosaico da Diversidade.....	13
4 GÊNERO X SEXO X SEXUALIDADE - identidade de gênero e orientação sexual.....	14
4.1 LGBTIQfobia em dados .....	17
4.2 Atividade 02 – Ser Homem e ser Mulher.....	20
4.3 Atividade 03 – Invertendo os papéis sociais de homens e mulheres .....	21
4.4 Atividade 04 – Eles/as amam de qualquer maneira .....	22
4.5 Atividade 05 – LGBTIQfobia em questão .....	23
5 AFINAL, O QUE É FEMINISMO?.....	24
5.1 Atividade 06 – Desvendando Frases Machistas e Feministas.. .....	25
6 DESCORTINANDO A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES.26	
6.1 Tipos de Violência contra as Mulheres .....	27
6.2 O Ciclo da Violência .....	28
6.3 As Diversas Faces da Violência contra as Mulheres.....	29
6.4 Dados da Violência contra as Mulheres .....	30
6.5 Atividade 07 – As Diversas Faces da Violência contra as Mulheres .....	33
7 GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E AGORA? .....	34
7.1 Atividade 08 – Saúde Sexual e Reprodutiva, Direitos Sexuais e Reprodutivos .....	36
7.2 Atividade 09 - Gravidez na Adolescência e Responsabilidades .....	37
7.3 Atividade 10 - Métodos Contraceptivos.....	39
8 NOSSA (IN) CONCLUSÃO .....	40
REFERÊNCIAS .....	41
ANEXOS .....	43
ANEXO A: Charge diversidade na sala de aula .....	44



<b>ANEXO B: No país de Blowmink .....</b>	<b>45</b>
<b>ANEXO C: Letra música “Paula e Beбето” .....</b>	<b>46</b>
<b>ANEXO D: Reportagens da LGBTIQfobia .....</b>	<b>47</b>
<b>ANEXO E: Tipos de Violência contra as Mulheres/Ciclo de Violência contra as Mulheres .....</b>	<b>48</b>
<b>ANEXO F: Faces da Violência contra as Mulheres .....</b>	<b>49</b>
<b>ANEXO G: Letra música “Triste, Louca ou Má” .....</b>	<b>50</b>
<b>ANEXO H: Saúde Sexual e Saúde Reprodutiva .....</b>	<b>51</b>
<b>ANEXO I: Casos .....</b>	<b>54</b>
<b>ANEXO J: Reportagem sobre campanha do Governo Federal sobre Gravidez na Adolescência .....</b>	<b>55</b>
<b>ANEXO K: DICAS DE LEITURA .....</b>	<b>56</b>
<b>ANEXO L: SITES RECOMENDADOS .....</b>	<b>57</b>
<b>ANEXO M: SESSÃO PIPOCA .....</b>	<b>58</b>
<b>ANEXO N: VÍDEOS PARA AS ATIVIDADES PEDAGÓGICAS ....</b>	<b>61</b>
<b>ANEXO O: Canais de atendimento, no Maranhão, para mulheres e pessoas do seguimento LGBTIQ, em situação de violência ..</b>	<b>62</b>
<b>SOBRE AS AUTORAS .....</b>	<b>63</b>

# Todxs

Ana Canãs (Participação: Sombra)

*Acredito no amor  
Na lâmina da vida  
Na beleza dos rolê  
Na luz, na luz, na poesia  
No bem sem ver a quem  
Na vereda louca da esquina  
E ainda que nem sempre dos homens  
Na justiça  
Na beleza das cores  
Na liberdade das crenças*

## ***A alma desconhece as diferenças***

*Entrelaçados corpos  
Espremidos ossos  
O lençol molhou na cama  
Parede sugou  
Bagunçou jogou na cara  
No limite causou  
À flor da pele ecstasy  
  
Eu gosto do seu gosto  
Eu gosto do seu cheiro  
Eu gosto do seu beijo  
Eu gosto do seu pelo  
Eu gosto do seu corpo  
Tremendo  
Eu gosto da sua boca*

*Eu gosto da sua pele  
Do seu cabelo  
Eu gosto da sua mão  
Eu gosto fora  
Eu gosto dentro  
  
[Verso 4: Sombra]  
Acredita sempre vou  
Em qualquer lugar estou  
Batalhas travadas quem perdeu ou quem ganhou*

*Receita pra curar ressentimentos sem dor*

*Salve-se, se libertar*

***O ódio perdeu pro amor***

***Uns fazendo acordo outros***

***desfazem laços***

*Passo a ponte em cima de muro*

*Otimizando espaço*

*Mas a indiferença no centro da discussão*

*É empoderamento com emoção na relação*

*Não posso vou correr pelo óbvio*

*De igual pra igual as mina são sangue no zoio*

*Ação toda alma tem reação*

***No limite do compasso reflete***

***na multidão.***

# APRESENTAÇÃO

Prezadas/os docentes,

Este *Caderno de Orientações Pedagógicas* sobre Gêneros e Sexualidades, com sugestões de atividades para serem desenvolvidas na escola, especialmente a de Ensino Médio, é fruto de nossa pesquisa de mestrado, realizada no Centro de Ensino Cruzeiro do Sul, escola estadual, localizada no bairro da Vila Nova, em São Luís do Maranhão, no período de agosto a dezembro de 2019 e apresentado como produto final de nosso trabalho dissertativo intitulado “EDUCAÇÃO PARA A IGUALDADE DE GÊNEROS E SEXUALIDADES: entre ditos, interditos e feitos numa proposta de intervenção no Ensino Médio”, sendo este, resultado de sugestões de temas propostos pelas/os docentes (por meio de entrevistas) e discentes (questionários), assim como, em conversas informais e nas observações participantes realizadas na referida escola.

Tem como objetivo subsidiar o trabalho didático-pedagógico dos/as docentes, em sala de aula, com o intuito de gerar conhecimentos científicos e laicos sobre as temáticas das diversidades de gêneros e sexualidades para o Ensino Médio. Indicamos o envolvimento de diversas áreas do conhecimento, pois a educação sexual pode e deve ser tratada de forma transversal, considerando o amplo leque de possibilidades para serem trabalhadas. Entendemos que o preconceito, violências psicológicas e físicas podem ser desconstruídas e extintas por meio do (re) conhecimento das pautas em questão, provocando análises, reflexões e possíveis aprendizados das mesmas.

Neste sentido, este Caderno é um guia de orientações para docentes do Ensino Médio, sugerindo o estudo de temas básicos e importantes buscando fornecer-lhes conceitos preliminares, por meio de textos de apoio, dicas de leituras, de filmes, documentários, vídeos, músicas, dentre outras sugestões que possam colaborar de forma complementar, criativa e dinâmica na proposição das referidas temáticas. Também sugerimos rodas de conversas e oficinas que nortearão o desenvolvimento de atividades didáticas e pedagógicas sobre as temáticas nas escolas. Contudo, pontuamos, que este Caderno não esgota os assuntos abordados, devido sua diversidade e constantes atualizações nos temas e termos e que cada professor/a possa utilizá-lo, conforme sua disciplina, fazendo adequações necessárias à sua realidade.

Esperamos que este produto, com suas sugestões e alternativas pedagógicas seja um profícuo guia de respeito, inclusão e igualdade para todos/as, independente de raça, cor, etnia, religião, gênero e sexualidade. Esperamos que gostem e tenham bom proveito!

A autora.

## POR QUE A ESCOLA PRECISA FALAR SOBRE DIVERSIDADE, GÊNEROS E SEXUALIDADES?

Sabemos que a diversidade humana é fato. Constituídos de marcadores sociais da diferença de raça, cor, gênero, sexualidade, religião, classe social, região geográfica... indivíduos possuem suas identidades construídas sócio-histórica e culturalmente. Cada pessoa é um ser único e diverso. E a escola, assim como a sociedade, é espaço onde estão concentradas inúmeras diferenças individuais que convivem diariamente. Ela é permeada pelas representações e significados das relações de gênero e das sexualidades. Segundo o livro “Gênero e Diversidade na Escola: formação de professores em gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico raciais”- GDE (BRASIL, 2009, p. 45) tais representações e significados acerca do feminino e do masculino, como formas de classificação social, se constroem, se reproduzem, são aprendidas e ensinadas, ao mesmo tempo em que se legitima de diversas maneiras.

Nela, se pressupõe um local acolhedor e democrático, mas o que observamos é a configuração de um ambiente hostil e violento, nas quais os corpos, numa pretensa homogeneidade, são marcados por violências e segregações físicas, psicológicas e simbólicas. Diversas pesquisas e estudos, se destacam e apontam algumas práticas pedagógicas permeadas por discursos e atitudes preconceituosas e discriminadoras. Anualmente, crianças e adolescentes são alijados do processo ensino aprendizagem quando excluídas e/ou invisibilizadas, em ambientes escolares, sendo comprometidas em suas trajetórias educacionais, resultantes das desigualdades e violências ali presentes. No livro Gênero e Diversidade na Escola- GDE é destacado, que a escola tem se tornado uma instituição normalizadora da era moderna e...

Os/as educadores/as não se dão conta de quão silenciosa, sutil e reiteradamente as masculinidades e as feminilidades são construídas e lapidadas cotidianamente: com gestos,

---

<sup>1</sup>Segundo Lins et al (2016), marcadores sociais da diferença são marcas sociais que nos diferenciam uns dos outros e produzem desigualdades entre nós. Como por exemplo, os marcadores de gênero (como homem, mulher, transexual), de cor/raça (negro, branco, pardo, amarelo, indígena), de geração (criança, adolescente, jovem, adulto e terceira idade),... de orientação sexual (assexual, heterossexual, bissexual e homossexual) e de classe social (pobre, classe média e rico). Uma pessoa pode se identificar, ao mesmo tempo, como mulher, negra, jovem, periférica e lésbica, enquanto que outra pessoa se identifica como sendo homem, branco, cisgênero, heterossexual, classe média e de terceira idade. Essas características marcam como cada um irá experimentar o mundo.

falas, orientações, olhares, jogos, brincadeiras, ocupações de espaços, comportamentos e avaliações. Assim também no que diz respeito aos livros didáticos, às normas, à própria organização da escola, aos conteúdos, ao currículo. A escola apresenta e institui sujeitos, indivíduos, a partir de um “modelo”. Este modelo é masculino, branco e heterossexual, e todas as pessoas que não se encaixam nele são o Outro, que é reiteradamente tratado como inferior, estranho, diferente. Esta forma de olhar a sociedade é que institui a desigualdade e não a diferença por si só – como olhamos, de onde olhamos, percebemos e falamos sobre esta diferença é que se dá a produção da desigualdade. Toda vez que a escola deseja “encaixar” um aluno ou uma aluna em um “padrão” conhecido como “normal” está produzindo desigualdades. Romper com isto significa estar atento/a, olhar de outros ângulos, questionar o que parece ser “natural” e inquestionável, discutir e refletir sobre a prática pedagógica da escola, seu conteúdo, seu discurso e sua organização. (BRASIL, 2009, p, 106).

Com isso, a educação sexual torna-se um ato pedagógico muito complexo e desafiador que, deve ser vista, conforme defende Furlani (2016, p. 40), como uma resposta às “demandas dos grupos sociais contemporâneos numa dinâmica que (re) constrói as identidades culturais e as diferenças, (re)posicionando os sujeitos”. Assim, na escola, educadores/as devem se comprometer com as transformações sociais e se posicionarem diante da tradicional educação sexual no Brasil, sob pontos de vistas que desconstruam as relações desiguais de poder e de legitimação das hierarquias sexuais de gênero. É bom salientar que, a educação sexual está respaldada, principalmente, pela Constituição Federal, em seu art. 3º, inciso IV, que estabelece a “promoção do bem de todos/as, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”. Assim como, documentos e tratados internacionais que versam sobre educação quanto a igualdade de direitos e que o Brasil é signatário.

---

<sup>2</sup>Ato de raiva, aversão ou ódio às pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Intersexes e Queers.

<sup>3</sup>Norma de exclusão que impõe à sociedade, a garantia de oportunidades e de direitos, às pessoas que se enquadram nas construções sócio-históricas da cisgneridade (quando o indivíduo aceita o seu corpo biológico, conforme o seu nascimento) e da heterossexualidade (quando o indivíduo se relaciona afetivo e sexualmente com outra pessoa do gênero oposto).

Como já pontua Louro (2018), a educação não pode se esquivar da responsabilidade de trabalhar efetivamente as diferenças, com um novo olhar para “novos sujeitos” e “novas práticas” pedagógicas, contemplando os estudos de gênero e sexualidade, no que vise ajudar no reconhecimento dos ataques e assassinatos LGBTIQfóbicos num país que mais mata pessoas fora da caixa social cisheteronormativa. Além de influenciar no conhecimento e prevenção contra as violências simbólicas e físicas, assim como, os inúmeros assassinatos contra mulheres no Brasil.

Ainda conforme GDE (BRASIL, 2009, p.48), A escola tem um papel fundamental na “construção da identidade dos indivíduos, inclusive nas identidades sexuais e de gênero, por ser um espaço privilegiado para o afloramento e a proliferação dos temas ligados à sexualidade e às questões de gênero.” Neste sentido, os sistemas e instituições de ensino precisam falar sobre as temáticas da diversidade, dos gêneros e das sexualidades, reconhecendo suas nuances e variedades, além de incluir as referidas temáticas nas formações inicial e continuadas dos/as profissionais de educação, visando estimular a pesquisa e a divulgação de conhecimento relacionadas a elas. Devem ainda realizar reformulações nas práticas didático-pedagógicas e na gestão escolar, promovendo uma cultura de não violência e reconhecimento dos direitos humanos, objetivando uma educação antimachista, antissexistista, antirracista e antiLGBTQIfóbica.

Falar sobre gêneros e sexualidades nas escolas, é falar sobre igualdade em direitos entre homens e mulheres, é respeito, empatia e alteridade. É antes de mais nada, subsidiar na construção de uma sociedade digna e justa entre meninas e meninos, onde não tem nada a ver, obrigar meninos a se comportarem como meninas, usando vestidos e maquiagens, ou forçando as meninas a agirem igual aos meninos, fazendo garotas virarem garotos ou vice-versa. Ou ainda, estimular as crianças, jovens e adolescentes à “mudança de sexo”, quando quiserem, isso não existe, na responsabilidade social, cidadã e pedagógica da educação sexual.

Necessitamos falar sobre gêneros e sexualidades nos sistemas de ensino, porque temos a obrigação de prevenir alunas e alunos sobre violência doméstica contra as mulheres, relações de poder, abusivas, estupros, assédios morais, psicológicos e sexuais e principalmente, sobre o feminicídio. Precisamos também prevenir sobre a violência sexual, física ou simbólica, ensinando aos meninos a diferença entre paquera e assédio, para que saibam o limite do consentimento. De que tudo que vier depois de um ‘não’, dado pelas

meninas, é desrespeito e assédio. E assédio é crime! Porque também, devemos desconstruir as masculinidades tóxicas, desobrigando aos meninos, jovens e adolescentes a terem posturas e atitudes machistas, sexistas e misóginas para perpetuar a falácia de “ser homem”, dizendo a eles que podem chorar, mostrar seus sentimentos, afetos, fraquezas e respeito às meninas. Oportunizar tanto para meninos como para as meninas serem o que quiserem, no mercado de trabalho, nas posições políticas, nas profissões ou nas relações afetivo-sexuais.

Tudo isso, na certeza da construção de uma educação e sociedade mais justa, igualitária, plural e democrática. Defendemos uma pedagogia transgressora e transformadora, numa perspectiva revolucionária e feminista, como defende bell hooks (2013), que promoverá mudanças de mentalidades e atitudes, com liberdade de pensamento, surgindo de reflexões críticas e antiautoritárias, fazendo desencadear diversas reações do sistema político vigente, levando a uma prática educativa humanista e que rompa com os padrões patriarcal e LGBTIQfóbicos.

---

<sup>4</sup> **bell hooks** é o pseudônimo da escritora Gloria Jean Watkins, autora de mais de 30 livros sobre raça, feminismo negro, afetividade e representação, entre outros temas, além de ser ativista e teórica reconhecida em todo mundo. A escolha da letra minúscula é justificada pelo interesse da autora em dar mais enfoque ao conteúdo desenvolvido em suas obras e menos a sua pessoa. Fonte: <https://www.geledes.org.br/bell-hooks-por-uma-pedagogia-interseccional/>

# DIVERSIDADES

Convivendo com diferenças e defendendo as igualdades.

Um dos grandes desafios do século XXI é o de como lidar com a diversidade, visto ser um aspecto fundamental para o convívio pacífico na sociedade. Assim, se faz necessário, assumir a existência da pluralidade de sujeitos e uma postura de reconhecimento das diversidades. Entendemos ser necessário (re) conhecer às diversas identidades dos indivíduos, a partir dos variados marcadores sociais de diferença de corpos, gêneros, sexualidades, cor, raças, etnias, religiões, gerações etárias, classes sociais e outras tantas, garantindo neste contexto o exercício da cidadania de todos/as, de forma que as relações estejam baseadas na justiça, em valores democráticos e laicos e na prática do diálogo e do respeito.

Ressaltamos que todas as formas de desigualdades têm sua origem nas diferenças entre as pessoas e que as diferenças não podem ser confundidas com desigualdades e ser sustentáculo para uma sociedade preconceituosa e discriminatória. Diferença é o contrário

## Dicas de Leituras

BRASIL. **Diferentes Diferenças: e educação de qualidade para todos.** Brasília: MEC, 2004.

BULGARELLI, Reinaldo. **Diversos somos todos.** São Paulo: Ed. De Cultura, 2008.

LINS, Debora Acioly e tal. **Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola** São Paulo: Reviravolta, 2016.

RIAL, Carmem, PEDRO, Joana Maria, AREND, Silvia M F.(orgs) **Diversidades: dimensões de gênero e sexualidade.** Mulheres, 2010.

GONÇALVES, Cláudia Maria da Costa (coord.) **Direitos Humanos e Diversidade.** Curitiba: Juruá, 2013.

---

<sup>5</sup>Célebre frase do autor, publicada originalmente em Santos (2003). Reproduzida em diversos sites, obras e textos, incluindo como epígrafe no Memorial de candidatura do autor ao título de Doutor Honoris Causa pela Universidade de Brasília. Disponível em: [http://www.boaventuradêsousasantospf/media/Memorial\\_Nair%20Heloisia%20Bicalho%20de%20Sousa\\_29%20Outubro%202012.pdf](http://www.boaventuradêsousasantospf/media/Memorial_Nair%20Heloisia%20Bicalho%20de%20Sousa_29%20Outubro%202012.pdf). Acesso em 16 fev. 2020.?

de semelhança e não de igualdade, que tem como seu oposto a desigualdade. Portanto, o trato correto para uma sociedade democrática e justa é reconhecer as diferenças e lutar pela igualdade, de forma que venha impedir as injustiças baseadas nas desigualdades de direitos. Vale retomar Boaventura de Sousa Santos (2003, p. 56), quando diz:

Temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades.

Neste sentido, a educação tem uma grande missão: assegurar e defender a plena cidadania de todos/as, independente se sua condição de raça, classe social, gêneros, sexualidades, religião, geração... enquanto humanos somos diferentes, sim! Mas como cidadãos/ãs, em uma sociedade democrática, somos iguais em direitos e deveres. Somos desiguais na igualdade, ou seja, todos somos diferentes, mas os direitos são iguais. Cada ser é único e singular e deve ser respeitado em sua particularidade. A escola, portanto, deve articular igualdade e diferença, no entender que às pessoas têm igual valor, mas são indivíduos e possuem culturas diferentes. Vamos ler e analisar a letra da música “Diferenças” de Criolo?

### *Diferenças (Tabu Brasil)*

#### **Criolo**

*“Quem vê de longe pode não gostar*

*Não entender e até censurar*

*Quem tá de perto diz que apenas é*

*Cultura, crença, tradição e fé”*

*A gente vê, a gente ouve, a gente quer*

*Mas será que a gente sabe como é?*

*Quem vê de longe pode não gostar*

*Não entender e até censurar*

*Quem tá de perto diz que apenas é*

*Cultura, crença, tradição e fé*

*Terra de avião é céu*

*Piso de jangada é mar*

*Livre pra poder chegar*

*Na curva do vento*

*Recorte no tempo*

*Os extremos vão se encontrar*

*Viver pra poder contar*

*A gente vê, a gente ouve, a gente quer*

*Mas será que a gente sabe como é?*

*Na rosa o olho visitar*

*Pétalas e espinhos no mesmo lugar*

*Pétalas e espinhos no mesmo lugar*

Fonte: <https://www.letras.mus.br/criolo/diferencas-tabu-brasil/>

# Atividade Pedagógica 01

## Mosaico da Diversidade

### ❖ OBJETIVO

- Reconhecer a diversidade como natureza humana, distinguindo-a da desigualdade.
- Estimular a convivência e o respeito à diversidade no ambiente escolar.

### ❖ TEMPO ESTIMADO: 50 min

- ### ❖ MATERIAIS:
- Diversas figuras e imagens de pessoas em suas diversidades de seus marcadores sociais de raça, classe, gênero, sexualidade, religião, geração, espaço geográfico... recortes de revistas, jornais e cartazes; folhas de papel pardo; fita gomada, pincéis atômicos, colas e tesouras. Impressão da charge da diversidade em sala de aula, de Francesco Tonucci (**Anexo A**).

### ❖ DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE:

1. Espalhar os recortes das pessoas no chão da sala;
2. Dividir a turma em trios;
3. Pedir para que um/a aluno/a, de cada trio, escolha uma imagem;
4. Fazer a questão norteadora (discussão no trio);
5. Exposição oral sobre o que foi observado sobre a imagem escolhida;
6. Montagem do Mosaico e exposição interativa;
7. Análise e debate da imagem da charge diversidade em sala de aula, discussão nos trios;
8. Avaliação da atividade.

### ❖ QUESTÕES NORTEADORAS:

1. O que vocês observaram na imagem, que remete a questão da diversidade?
2. Todas estas pessoas possuem as mesmas oportunidades? Por que?
3. O que vocês observaram, na charge do Francesco Tonucci, no comentário da professora?
4. O que vocês podem comentar sobre a charge?

# GÊNERO X SEXO X SEXUALIDADE

## IDENTIDADE DE GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL

Para compreendermos as temáticas aqui abordadas, inicialmente conceituaremos alguns termos que nos indicarão conhecimentos básicos para avançarmos nos nossos estudos.

**GÊNERO**  
Conjunto de fatores socioculturais atribuídos aos corpos, situando a ideia de masculino e feminino e estabelecendo a condição do gênero ancorada nas definições que indicam o que é ser homem ou ser mulher e não na anatomia dos corpos.  
HEILBORN (2010)

“Não se nasce mulher,  
Torna-se mulher!”  
Simone de Beauvoir 1983

**SEXO**  
Refere-se às características que distinguem o corpo d homem do corpo da mulher, como os órgãos genitais.  
Sexo biológico. Macho X fêmea.  
HEILBORN (2010)

### SEXUALIDADE

Refere-se às elaborações culturais sobre os prazeres e os intercâmbios sociais e corporais que compreendem desde o erotismo, o desejo e o afeto até noções relativas à saúde, à reprodução, ao uso de tecnologias e ao exercício do poder na sociedade. As definições atuais da sexualidade abarcam, nas ciências sociais, significados, ideais, desejos, sensações, emoções, experiências, condutas, proibições, modelos e fantasias que são configurados de modos diversos em diferentes contextos sociais e períodos históricos. Trata-se, portanto, de um conceito dinâmico que vai evoluindo e que está sujeito a diversos usos, múltiplas e contraditórias interpretações, e que se encontra sujeito a debates e a disputas políticas.

(GDE, 2009, p, 112)

**IDENTIDADE DE GÊNERO**  
Ainda estão atreladas ao binarismo homem/mulher, pênis/vagina, que enquadrando-os e submetendo-os a diferentes discursos e relações de poder, de diferentes momentos sócio históricos. Refere-se a qual gênero (masculino ou feminino) a pessoa se identifica para si e para o mundo.

(HEILBORN, 2010)

**PODEM SER:**

Cisgênero, quando a pessoa possui a identidade de gênero consoante a genitália.

Transgênero, quando a pessoa não possui a identidade de gênero consoante a genitália.

(HEILBORN, 2010)

**IDENTIDADE SEXUAL OU  
ORIENTAÇÃO SEXUAL**

Quando nos referimos ao sexo ou ao gênero que constitui o objeto de desejo afetivo ou sexual de uma pessoa, podendo ser: heterossexual (desejo afetivo/sexual pelo sexo ou gênero oposto), homossexual - gays e lésbicas (desejo afetivo/sexual pelo mesmo sexo ou gênero), bissexual (desejo afetivo/sexual por ambos os sexos ou gêneros) ou assexuado que ( não sente desejo afetivo/sexual por nenhum dos sexos ou gênero).

(HEILBORN, 2010)

# Vamos entender melhor tudo isso?

## O QUE É IDENTIDADE DE GÊNERO?

**PAPÉIS DE GÊNERO:**  
COMO A PESSOA SE COMPORTA SOCIALMENTE.  
EX: HOMEM, MULHER OU AMBOS.

**IDENTIDADE DE GÊNERO:**  
COMO A PESSOA SE IDENTIFICA.

**CISGÊNERO:** PESSOA QUE RECONHECE NO GÊNERO DE NASCIMENTO

**HOMEM TRANS:**  
PESSOA QUE REIVINDICA O RECONHECIMENTO COMO HOMEM

**TRAVESTIS:**  
PESSOA QUE VIVENCIA PAPEL DE GÊNERO FEMININO, NÃO SE RECONHECE COMO HOMEM OU COMO MULHER. PREFERE SER TRATADA SEMPRE NO FEMININO.

**NÃO-BINÁRIO:**  
PESSOA QUE NÃO VIVENCIA NENHUM DOS PAPEIS DE GÊNERO, NÃO SE RECONHECE COMO HOMEM OU MULHER.

**MULHER TRANS:**  
PESSOA QUE REIVINDICA O RECONHECIMENTO COMO MULHER.

## O QUE É ORIENTAÇÃO SEXUAL?

**ORIENTAÇÃO SEXUAL:**  
RELATIVO À SEXUALIDADE E AFETIVIDADE, A ORIENTAÇÃO SEXUAL É USADA PARA AS QUESTÕES DO CORAÇÃO.

## SEJA CIS OU TRANS, UMA PESSOA PODE SER:

**HETEROSSEXUAL**  
MULHER QUE SENTE ATRAÇÃO POR HOMEM E VICE-VERSA

**LÉSBICA**  
MULHERES QUE SENTEM ATRAÇÃO POR MULHERES

**ASSEXUAL**  
PESSOA QUE NÃO SENTE ATRAÇÃO SEXUAL POR HOMENS OU MULHERES

**GAY**  
HOMENS QUE SENTEM ATRAÇÃO POR HOMENS

**BISSEXUAL**  
PESSOA QUE SENTE ATRAÇÃO POR HOMENS E MULHERES

**PANSEXUAL**  
PESSOA QUE SENTE ATRAÇÃO SEXUAL OU AMOROSA POR PESSOAS, INDEPENDENTEMENTE DO SEXO OU IDENTIDADE DE GÊNERO

FONTE: "GUIA DE ORIENTAÇÕES SOBRE IDENTIDADE DE GÊNERO: CONCEITOS E TERMOS", DA JAQUELINE GOMES DE JESUS, PESQUISADORA E PROFESSORA TRANS.



## A LGBTIQFOBIA EM DADOS

O termo **LGBTIQfobia** é uma extensão inclusiva do termo “Homofobia” que significa ódio, raiva e/ou aversão à condição de orientação sexual que difere da heterossexual, normatizada como a correta pela sociedade (BRASIL, 2009). A esta expressão se estendeu os mesmos sentimentos negativos, se caracterizando a **Lesbofobia** (aversão ou ódio às lésbicas), **Bifobia** (aversão ou ódio aos/às bissexuais), **Transfobia** (aversão ou ódio aos/as transexuais e travestis), **Intersexualfobia ou intersexfobia** (aversão ou ódio aos intersexuais – pessoa que apresentando uma anatomia reprodutiva e sexual que não se ajusta às definições típicas do feminino ou do masculino (BRASIL, 2009, p. 128), nasce com dois sexos, masculino e feminino e a **Queerfobia** (aversão ou ódio às pessoas queer – indivíduos que não se enquadram no padrão cisheteronormativo e que não consideram o binarismo).

### TEORIA QUEER,

Termo em inglês que significa, o que é estranho, o diferente, a oposição ao “normal” ou à normalização. Não existe apenas uma identidade, no singular, mas identidades, no plural. A teoria engloba relações entre sexo, gênero e desejo sexual. Entrelaça estas categorias de forma, não normativa, não encaixada, como a sociedade quer predeterminar. Butler (2003), também questiona a dimensão natural da diferença anatômica e entre os sexos e problematiza a oposição binária entre sexo e gênero defendido pelos estudos feministas

### Dicas de Leituras

BRASIL. Secretária de Atenção à Saúde. Área Técnica de Saúde da Mulher. **Direitos sexuais, direitos reprodutivos e métodos anticoncepcionais**, Brasília, Ministério da Saúde, 2006, Disponível em: <[bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cartilha\\_direitos\\_sexuais\\_2006.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cartilha_direitos_sexuais_2006.pdf)>

ECOS, **Manual Gravidez na Adolescência uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens**, São Paulo, 2004.

ECOS, **Manual Sexo Sem Vergonha uma Metodologia de trabalho com Educação Sexual**, São Paulo, 2001.

PROMUNDO/ECOS//PAPAI/SALUD Y GÊNERO. **Caderno Saúde Sexual e Reprodutiva, série Trabalhando com Homens Jovens**, 2001.

# A LGBTIQFOBIA EM DADOS

**420 pessoas LGBTIQ morreram no Brasil em 2018, vítimas da lesbo/homo/bi/transfobia.**  
(Grupo Gay da Bahia, 2019)

**O Brasil é o país que mais mata pessoas Trans no mundo.**  
(ANTRA, 2019)

**Em 2018, cada 20 horas uma pessoa LGBTIQ morre de forma violenta vítima de LGBTIQfobia.**  
(Grupo Gay da Bahia, 2019)

**As principais vítimas de bullying e discriminação no ambiente escolar eram homossexuais, negros e pobres.**  
(FIPE, 2009)

**Foi confirmado o alto percentual de rejeição pelos colegas enfrentado pelos jovens homossexuais, transsexuais, transgêneros ou travestis.**  
Flacso (Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, 2015)

**Pesquisa realizada em 241 escolas públicas e privadas em 14 capitais brasileiras descobriu que:**

**39,6% dos estudantes masculinos não gostariam de ter um colega de classe homossexual.**

**32, 2% dos pais não gostariam que seus/suas filhos/as tivessem um colega de classe homossexual.**

**60% dos /as professores/as dizem não possuir conhecimentos sobre homossexualidade.**  
(UNESCO, 2000)

## Dicas de Leituras

**Dicas de Pesquisas**  
**Juventudes e sexualidade.**  
UNESCO, 2000.

**OrientaçãoTécnica**  
**Internacional** sobre  
**Educação em Sexualidade**  
(2010). Unesco:  
[bit.ly/Orientacao\\_Unesco\\_sexualidade](http://bit.ly/Orientacao_Unesco_sexualidade)

**Pesquisa** Nacional  
**Diversidade** na **Escola**  
(2009). MEC e Fipe/USP:  
[bit.ly/pesquisaDiversidadeEscola](http://bit.ly/pesquisaDiversidadeEscola)

**Revelando** **tramas,**  
**descobrimo** **segredos:**  
**violência e convivência nas**  
**escolas** da Rede de Informação  
tecnológica latino-Americana,  
2009.

**Preconceito e discriminação**  
**no ambiente** **escolar,**  
Fundação Instituto de  
Pesquisas Econômicas, 2009.  
Diversidade Sexual e  
Homofobia no Brasil:  
intolerância e respeito às  
diferenças sexuais, da  
Fundação Perseu, 2009.

**Pesquisa** **sobre o**  
**ambiente** **educacional no**  
**Brasil** 2016. Disponível em:  
<https://static.congressoemfoco.uol.com.br/2016/08/IAE-Brasil-Web-3-1.pdf>

**Juventudes** **na** **Escola:**  
**Sentidos e Buscas,** Miriam  
Abramovay, Mary Garcia  
Castro e Júlio Jacobo  
Waiselfisz/MEC/Flacso, 2015.

Segundo a Associação Nacional de Travestis e Transexuais – ANTRA, “Pessoas LGBTI+ continuam sendo espancadas à luz do dia e há grupos de ódio eclodindo pelo país, anunciando em nome de Deus o que se tornaria o “novo Brasil”, pós golpes e sob a égide de um governo processado por machismo, denunciado por racismo e condenado por homofobia.”(BENEVIDES; NOGUEIRA, 2020, p.8). No Dossiê: ASSASSINATOS e da Violência Contra TREVESTIS e TRANSEXUAIS Brasileiras Em 2019” são denunciadas inúmeras violências contra a população trans no Brasil:

**Aumentou** o número de assassinatos de travestis e Transexuais no Brasil no primeiro bimestre de 2020  
**90%**  
Em relação ao mesmo período dos anos anteriores: 01/01 a 28/02  
(ANTRA, 2020)

**99%** das pessoas **LGBTI** participantes afirmaram **não** se sentirem seguras no país.  
(ANTRA, 2020)

Em 2019, vimos aumentar a violência direta no dia-a-dia das pessoas trans: **11** pessoas agredidas diariamente no Brasil.  
(ANTRA, 2020)

Em 2019, **124** Assassinatos de pessoas Trans, sendo: **121** Travestis e Mulheres Transexuais e **3** Homens Trans.  
(ANTRA, 2020)

**67%** dos assassinatos foram direcionados contra travestis e mulheres transexuais profissionais do sexo.  
(ANTRA, 2020)

# Atividade Pedagógica 02

## Ser Homem e Ser Mulher

### ❖ OBJETIVO

- Compreender o que é ser homem e o que é ser mulher.
- Reconhecer os papéis sociais e estereótipos de gênero.

### ❖ TEMPO ESTIMADO: 50 min

### ❖ MATERIAIS: Folhas de papel 40g, pincéis atômicos, fita gomada. Vídeo “O desafio da Igualdade” 1min 51’ (**Anexo N**); Vídeo “Qual o meu gênero?” de Louie Ponto, 10min 14’ (**Anexo N**), notebook, som e data show.

### ❖ DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE:

1. Cole dois papéis de 40 kg na parede, com tarjetas, que possam ser removidas (grudar com fita gomada) com as frases: “Ser Homem” e outra “Ser Mulher” ;
2. Peça para os/as alunos/as dizerem uma característica (psicológica, física, social ou cultural) do que é ser homem e do que é ser mulher;
3. Escreva no papel as palavras e quando todos/as falarem troque as tarjetas “Ser Homem” e “Ser Mulher” nos papéis 40g e faça as questões norteadoras;
4. Debate;
5. Reprodução Vídeo “O desafio da Igualdade” 1min 51’; Vídeo “Qual o meu gênero?” 10min 14’;
6. Debate;
7. Peça para a turma produzir textos dissertativos ou desenhos sobre o assunto.
8. Avaliação da atividade.

### ❖ QUESTÕES NORTEADORAS: O que vocês acham das trocas das tarjetas? Homens podem ter estas características designadas às mulheres? E as mulheres podem ter estas características designadas aos homens? A sociedade aceita estas mudanças de comportamentos e de ser? O que acontece quando mulheres e homens resolvem não seguir as regras impostas pela sociedade? E para vocês, quem sofre mais preconceito e discriminação, homens ou mulheres? Por quê?

# Atividade Pedagógica 03

## Invertendo os papéis sociais de Homens e Mulheres

### ❖ OBJETIVO

- Reconhecer os papéis sociais desempenhados por homens e mulheres.
- Conceituar estereótipos, relações de gênero, preconceitos e discriminação.

### ❖ TEMPO ESTIMADO: 150 min (03 horas/aula)

### ❖ MATERIAIS: arquivo do documentário “Acorda Raimundo, acorda!” (Anexo N), data show, som, microfone, celular para filmagem.

### ❖ DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE:

1. Pedir para que os/as alunos/as copiem as questões norteadoras;
2. Reproduzir o curta metragem “Acorda Raimundo, acorda!” ;
3. Fazer as questões norteadoras sobre o documentário;
4. Dividir a turma em quatro equipes para produção e apresentação, de uma encenação de inversão de papéis sobre os seguintes temas: 1. Homem assistindo futebol e a esposa quer assistir o último capítulo da novela da 21h; 2. Comercial de cerveja; 3. Uma reunião em um grande banco, tendo a mulher como a chefe; 4. Amigas/os em um bar;
5. Questões norteadoras sobre as encenações;
6. Avaliação da atividade.

### ❖ QUESTÕES NORTEADORAS:

**1. Sobre o documentário:** O que foi mais interessante no curta? O que vocês acharam das inversões dos papéis do homem e da mulher? Dê exemplos de inversões. Quem gostaria de trocar os seus papéis de gênero?

**2. Sobre as encenações:** O que vocês sentiram ao interpretar o gênero oposto? Para os rapazes: como vocês se sentiram fazendo o papel das mulheres? Para as garotas: como vocês se sentiram fazendo o papel dos homens? Essas situações acontecem na realidade e com que frequência? O que a sociedade pensa sobre esta situação?

# Atividade Pedagógica 04

## Roda de conversa: Eles/as se amam de qualquer maneira

### ❖ OBJETIVO

- Reconhecer a diversidade sexual e suas nuances sociais.
- Conceituar sexualidade, orientação sexual e identidade de gênero.

### ❖ TEMPO ESTIMADO: 100 min (02 horas/aula)

### ❖ MATERIAIS: *Trailers* dos filmes: “Orações para Bobby”, “Minha vida em cor de rosa” e “Transamérica” (**Anexo N**), notebook, som, microfone e data show. Cópias do texto “No país de Blowminsk” de Cláudio Picazio (**Anexo B**), papel 40kg, pincéis atômicos e fita gomada. Cópia da Música “Paula e Bebeto” (**Anexo C**), de Milton Nascimento.

### ❖ DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE:

1. Pedir para que os/as alunos/as copiem as questões norteadoras;
2. Reproduzir *Trailers* dos filmes: “Orações para Bobby”, “Minha vida em cor de rosa” e “Transamérica”;
3. Na roda de conversa, debater sobre os *Trailers*;
4. Distribuir as cópias do texto “No país de Blowminsk” de Cláudio Picazio;
5. Questões norteadoras para discussão do texto;
6. Cantar e debater a música “Paula e Bebeto” de Milton Nascimento;
7. Produção de mural de palavras-chaves sobre a atividade;
8. Avaliação da atividade.

### ❖ QUESTÕES NORTEADORAS:

1. **Sobre os trailers:** O que foi mais interessante nos *trailers*?: Qual o aspecto da sexualidade que apresenta cada um dos *trailers*.
2. **Sobre o texto:** O que vocês acharam do texto? Ocorrem situações semelhantes ao do texto? Quais? Quais seriam possíveis finais para a situação de Marina e Ivan?

# Atividade Pedagógica 05

## LGBTIQFOBIA em questão

### ❖ OBJETIVO

- Identificar as diferenciadas formas de violências contra o seguimento LGBTIQ.
- (Re) conhecer e refletir sobre a LGBTIQfobia na sociedade e nas escolas.

### ❖ TEMPO ESTIMADO: 50 min

### ❖ MATERIAIS

Dados estatísticos de violência contra o seguimento LGBTIQ de Cópias de reportagens das mídias sobre a LGBTIQfobia no Brasil, data show, notebook e som.

### ❖ DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE:

1. Colocar a turma em uma roda;
2. Apresentar e debater dados estatísticos de violência contra o seguimento LGBTIQ; que demonstramos nas páginas 18 e 19;
3. Dividir a turma em quatro equipes;
4. Distribuir as cópias dos textos de reportagens das mídias sociais sobre a LGBTIQfobia; (**Anexo D**)
5. Questões norteadoras para discussão dos textos;
6. Produção de cartazes sobre campanhas de respeito à diversidade sexual e contra a violência LGBTIQ;
7. Avaliação da atividade.

### ❖ QUESTÕES NORTEADORAS:

1. Vocês já ouviram falar em LGBTIQfobia? O que significa?
2. Sobre o texto: O que vocês pensam em relação aos dados estatísticos da LGBTIQfobia? Como vocês se sentem em relação às notícias veiculadas nas mídias sociais? Vocês conhecem alguém do seguimento LGBT? Vocês concordam que as pessoas do grupo LGBT são as que mais sofrem discriminação? Por que?

# AFINAL, O QUE É FEMINISMO?

## FEMINISMO

Movimento social e político de defesa de direitos iguais para mulheres e homens.  
GDE (2009)

X

## FEMISMO OU MISANDRIA

Repúdio patológico e marginalização do gênero masculino, com a crença da inferioridade dos homens e que as mulheres deveriam ser superiores aos mesmos. A **misandria**, sim, é o contrário do machismo, não o feminismo. Revista Superinteressante, 2018.

**ONDAS FEMINISTAS:** Diz respeito ao processo de desenvolvimento histórico do feminismo, são elas:

**Primeira onda:** inicia-se no final do Século XIX na Europa e no Estados Unidos. E no Brasil, no início do Século XX, tendo como foco o movimento sufragista liderado por Bertha Lutz, quando às mulheres brasileiras tiveram o direito de votar (PINTO, 2003).

**Segunda Onda:** surge na década de 1960 e 1970 nos Estados Unidos e na Europa, relacionado a uma efervescência política e cultural que essas regiões viviam na época. No Brasil, esse “novo” movimento feminista teve como principais objetivos a luta contra a ditadura militar e pela redemocratização do país, além da luta específica das transformações de gênero a partir do reconhecimento do que é ser mulher no espaço público e privado (FERREIRA, 1999).

**Terceira Onda:** surge após a redemocratização no Brasil, em meados de 1990, quando o movimento feminista se volta para novas direções teóricas e políticas que surgiram no país, estimulados sobretudo, pelos novos movimentos sociais, dentre eles o Movimento LGBT, Movimento de Mulheres Negras e o Movimento Transfeminista. (GONZAGA, 2018)

Buarque de Holanda (2018) em seu livro “*Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade*” fala na possibilidade de uma **Quarta Onda**, em recente transformação do feminismo no Brasil, por meio de um movimento de massas, onde se destaca o papel das ferramentas de comunicação digital na difusão de suas ideias, numa heterogeneidade do âmbito dos interesses, da ampliação e das divergências de objetivos e estratégias dos diversos feminismos surgentes. Aqui se rechaça a ideia de uma “condição feminina” universal, conjugando o feminismo no plural, interseccionando diversas identidades sociais, como classe, raça, etnia, gênero, sexualidade, religião, dentre outras.

# Atividade Pedagógica 06

## Desvendando frases machistas e feministas

### ❖ OBJETIVO

- Identificar as diversas formas de luta do feminismo.
- Diferenciar feminismo, femismo e machismo.

### ❖ TEMPO ESTIMADO: 50 min

### ❖ MATERIAIS: Vídeo com trilha sonora da música “Triste, Louca ou Má” de Francisco, *El Hombre* (Anexo N). Cópias da referida música (Anexo G), folhas A4 papel couché. Pincéis atômicos, data show, notebook e som.

### ❖ DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE:

1. Colocar a turma em uma roda;
2. Apresentar o Vídeo com trilha sonora da música: “Triste, Louca ou Má” de Francisco, *El Hombre*, solicitando aos/as alunos/as prestarem atenção para ao vídeo e escreverem no caderno a que mais gostou e/ou se identificou;
3. Dividir a turma em duplas;
4. Distribuir cópias dos textos da música “Triste, Louca ou Má” de Francisco, *El Hombre*;
5. Ouvir, cantar e debater a música “Triste, Louca ou Má” de Francisco, *El Hombre*;
6. Produção de cartazes com frases machistas que devem ser combatidas pela sociedade e frases feministas contestando-as; (Nas duplas)
7. Avaliação da atividade.

### ❖ QUESTÕES NORTEADORAS:

1. Vocês sabem diferenciar feminismo, femismo e machismo?
2. Qual a importância do feminismo para a sociedade?
3. Existe igualdade de gênero no mundo? Por quê?
4. Vocês concordam com as políticas públicas para as mulheres? Por quê?

## DESCORTINANDO A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

“Em nome das Marias, Quitérias, da Penha Silva  
Empoderadas, revolucionárias, ativistas  
Deixem nossas meninas serem super-heroínas  
Pra que nasça uma Joana d’Arc por dia!  
Como diria Frida: “eu não me Kahlo!”  
Junto com o bonde saio pra luta e não me abalo  
O grito antes preso na garganta já não me consome  
É pra acabar com o machismo, e não pra aniquilar os homens.”  
Respeita as Mina – Kell Smith.

Segundo a Organização das Nações Unidas-ONU Mulheres (2015), “no mundo inteiro, as diferentes formas de violência são responsáveis por adoecimento, sofrimento, perdas e mortes. É um fenômeno social de grande dimensão que afeta todas as sociedades, das mais pobres às mais abastadas. Na história da humanidade, não se conhece sociedade alguma isenta de violências. Trata-se de um fenômeno histórico, presente em todas as épocas, se apresentando das mais diferentes formas e que consiste no uso da força, do poder e de privilégios para dominar, submeter e provocar danos a outras pessoas, grupos e coletividades”. Em se tratando de mulheres, os dados de violência são alarmantes, no mundo e no Brasil, mesmo com a promulgação das Leis 11.340/2006 – Lei Maria da Penha e a 13.104/2015 – Lei do Feminicídio – homicídios de mulheres em razão da condição de gênero. Entende-se como uma forma extrema de violência de gênero que resulta na morte de mulheres.

LEI 11.340/2006  
LEI MARIA DA  
PENHA

Cria mecanismos para coibir a  
violência doméstica e familiar

Lei 13.104/2015  
LEI DO FEMINICÍDIO

Altera o Código Penal, para prever o  
feminicídio como circunstância qualificadora  
do crime de homicídio, e para incluir o  
feminicídio no rol dos crimes hediondos.

**Fonte:** Lei Maria da penha. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/111340.htm)

Lei do Feminicídio. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2015-2018/2015/Lei/L13104.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/Lei/L13104.htm)

## TIPOS DE VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

“Quero andar sozinha, porque a escolha é minha  
Sem ser desrespeitada e assediada a cada esquina[...]

Respeita as mina

Toda essa produção não se limita a você

Já passou da hora de aprender

Que o corpo é nosso, nossas regras, nosso direito de ser.”

Respeita as mina – Kell Smith

Segundo a Campanha “Quem ama abraça Fazendo Escola”, da extinta Secretaria de Políticas para as Mulheres – SPM, a violência contra as mulheres independe de idade, raça, etnia, orientação sexual, identidade de gênero, tipo físico, credo, condições físicas, área geográfica, profissão e condição social, assim como se apresenta em diferentes formas, conforme a Lei Maria da Penha:

### VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA

Causar dano emocional, diminuir a autoestima, prejudicar e perturbar o pleno desenvolvimento pessoal, degradar ou controlar comportamentos, ações, crenças, e decisões mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação e isolamento, tirando a liberdade de pensamento ou ação;

### VIOLÊNCIA FÍSICA

Ofender a integridade ou a saúde corporal, bater, chutar, queimar, cortar, mutilar;

### VIOLÊNCIA MORAL

Ofender com calúnias, insultos ou difamação – lançar opiniões contra a reputação moral, críticas mentirosas e xingamentos.

### VIOLÊNCIA PATRIMONIAL

Reter, subtrair, destruir parcial ou totalmente objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens valores e direitos ou recursos econômicos.

### VIOLÊNCIA SEXUAL

Presenciar, manter ou obrigar, a participar de relação sexual não desejada mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força que induza a mulher a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade.

## O CICLO DA VIOLÊNCIA

“Violência por todo mundo  
A todo minuto  
Por todas nós  
Por essa voz que só quer paz  
Por todo luto nunca é demais  
Desrespeitada, ignorada, assediada, explorada  
Mutilada, destrutada, reprimida, explorada  
Mas a luz não se apaga  
Digo o que sinto  
Ninguém me cala.”  
Respeita—Ana Canãs



As mulheres, vítimas de violência, têm muitas dificuldades no término da relação, por medo, insegurança ou até mesmo vergonha. Romper com o ciclo da violência doméstica e familiar não é fácil e leva de 7 a 10 anos se não houver uma ajuda de amigos/as, família ou profissional. Ouvir frases tipo: “apanha porque gosta” “apanhou porque fez alguma coisa” dificulta a mulher violentada a sair do ciclo violento, sendo bastante doloroso e complexo.

Fonte: <https://catracalivre.com.br/cidadania/violencia-domestica-nao-e-so-agressao-fisica-saiba-identificar/>

Não julguem mulheres em situação de violência porque não é fácil se libertar de uma situação tão complicada que possui diversas razões que se interligam, como:



Fonte: Adaptado do texto da Campanha “Quem ama abraça... fazendo escola”. Disponível em: <http://www.quemamaabraça.org>

## AS DIVERSAS FACES DA VIOLÊNCIA



Fonte: Adaptado do texto da Campanha “Quem ama abraça... fazendo escola”. Disponível em: <http://www.quemamaabraça.org>.

## DADOS DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

A cada **2 minutos** uma mulher é  
**agredida no Brasil.**  
Fórum Brasileiro de Segurança Pública  
(2019)

**27,4%** das mulheres brasileiras com  
**16 anos ou mais** sofreram algum tipo  
de **violência em 2018.**  
Fórum Brasileiro de Segurança Pública  
(2019)

**76,4%** dos casos de **violência contra**  
mulheres, o **agressor era alguém**  
**conhecido.**  
Fórum Brasileiro de Segurança Pública  
(2019)

A cada **1 hora**, **536 mulheres** são  
vítimas de **agressão física.**  
Fórum Brasileiro de Segurança Pública  
(2019)

**66%** das meninas de **16 a 24 anos**  
sofreram algum tipo de **assédio em 2018.**  
Fórum Brasileiro de Segurança Pública  
(2019)

O Brasil ocupa a **4ª posição** no ranking  
absoluto de **casamentos de meninas.**  
(UNICEF, 2019)

**No Brasil acontecem cerca de 2,9 milhões de uniões precoces formais e informais.**

(UNICEF, 2019)

**13 anos é a idade mais perigosa para as meninas, é quando ocorre o maior número de estupros.**

Plan Internacional Brasil e Fórum Brasileiro de Segurança Pública

**98, 2% dos estupros de meninas são cometidos por homens.**

(Plan Internacional Brasil, 2019)

**50.899 meninas de até 18 anos foram estupradas no país entre 2017 e 2018.**

(Plan Internacional Brasil Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019)

**A cada 20 minutos uma menina é estuprada no Brasil.**

(Plan Internacional Brasil e Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019)

**Em 2018, 4.461 mulheres foram assassinadas no Brasil.**

(CNJ, 2019)

**1.206 mulheres foram vítimas de feminicídio EM 2018.**

(ONU Mulheres, 2019)

**66% das mulheres vítimas de feminicídios em 2017 eram negras.**  
(Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019)

**O Brasil tem uma taxa de feminicídio estimada em 4,8 para cada 100 mil habitantes ocupando o 5º lugar no ranking mundial.**  
(ONU Mulheres, 2019)

**Feminicídios crescem em 2019, e Brasil tem 1 caso a cada 7 horas.**  
(Monitor da Violência G1, 2020)

**Em 2019, houve uma alta de 12% nos feminicídios e uma queda de 6,7% nos homicídios dolosos de mulheres.**  
(Monitor da Violência G1, 2020)

**O Brasil teve um aumento de 7,3% nos casos de feminicídio em 2019, em comparação com 2018.**  
(Monitor da Violência G1, (2020)

**Foram 1.314 mulheres mortas pelo fato de serem mulheres, em 2019, no Brasil.**  
(Monitor da Violência G1, (2020)



# Atividade Pedagógica 07

## As diversas faces da Violência contra as Mulheres

### ❖ OBJETIVO:

- Reconhecer os tipos da violência contra as mulheres. Lei 11.340/2006 – Lei Maria da Penha.
- Reconhecer a Lei 13.104/2015 – Lei do feminicídio.
- Reconhecer as diversas faces da violência contra as mulheres (relacionamento abusivo, assédio sexual, estupro etc.).

### ❖ TEMPO ESTIMADO: 100 min

❖ **MATERIAIS:** Vídeo sobre Maria da penha (**Anexo N**) para o professor assistir, Cartões específicos de cada assunto a ser abordado – tipo de violência contra as mulheres, ciclo da violência (**Anexo E**) e as faces da violência contra as mulheres (**Anexo F**) Vídeo da música “Rosas” (**Anexo N**), do grupo Atitude Feminista. Data show, som e notebook.

### ❖ DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE:

1. Colocar a turma em uma roda;
2. Dividir a turma em cinco equipes;
3. Apresentação do vídeo sobre Maria da Penha;
4. Distribuir cartões específicos de cada assunto a ser abordado – tipo de violência contra as mulheres, ciclo da violência e as faces da violência contra as mulheres;
5. Leituras e posterior apresentações dos assuntos à turma;
6. Apresentação e discussão do Vídeo da música “Rosas” do grupo Atitude Feminista;
7. Avaliação da atividade.

### ❖ QUESTÕES NORTEADORAS:

1. Vocês conhecem os vários tipos de violência contra a mulher? e o ciclo desta violência?
2. Conhecem a Lei Maria da Penha? Quem foi Maria da Penha?
3. Vamos debater sobre as diversas faces da violência contra as mulheres (relacionamento abusivo, assédio sexual, estupro e feminicídio etc)?

## GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA, E AGORA?

A Organização Mundial de Saúde – OMS, considera gravidez na adolescência, na faixa etária de 10 a 20 anos. Tal situação não pode ser camuflada ou invisibilizada, porque ela existe e é fato. Ainda segundo a OMS, em 2018, a média mundial de gravidezes na adolescência é de 46 nascimentos a cada mil, enquanto que no Brasil, esta média é de 68,4 bebês nascidos de mães adolescentes, de 15 a 19 anos, estando acima da média latino-americana, estimada em 65,5. Esta gestação é considerada de alto risco para a saúde e pode acarretar problemas sociais, econômicos, psicológicos e biológicos.

A gravidez é vista de forma negativa pela mudança drástica que traz para a jovem mãe e para a sua família. Ou seja, temos uma realidade preocupante mais que pode ser debatida e prevenida. Já o Fundo das Nações Unidas para a Infância -UNICEF, aponta a gravidez na adolescência como um dos mais importantes fatores para a perpetuação da pobreza e da exclusão. A taxa de abandono escolar é de 75,7% entre as adolescentes grávidas, o que aumenta a taxa de desempregos e dependência financeira da família.

Sabemos da importância da responsabilidade e zelo que a sociedade, o estado e a família devem ter para com os/as jovens em estado de gravidez, principalmente para com as meninas que largam os estudos, por medo, insegurança e vergonha. Conhecimento é condição básica para a prevenção e orientação da contracepção ou de atenção e cuidado no pré-natal. O ideal é o apoio da família, orientação e informações sobre medidas preventivas e educativas que reduzam as taxas de incidência da gravidez na adolescência, nas escolas e políticas públicas sérias e comprometidas com a realidade vigente.

Concordamos com a escrita de Heilborn (2008), em seu *Caderno “Gravidez na adolescência e sexualidade: uma conversa franca com educadores e educadoras”*, quando esta afirma:

[...] embora seja um desafio comum a toda a sociedade brasileira, o assunto encontra na escola, por seu papel e clientela a qual se destina, espaço privilegiado para reflexão. Esteja certo/a de que ao lhe apresentar tal afirmativa, de uma escola comprometida com a qualidade de sua ação pedagógica e preocupada com a construção da cidadania, não desconsideramos os problemas – de todos os tipos e que não são poucos, diga-se de passagem – que configuram nosso quadro educacional. O que defendemos é a importância do espaço escolar, instituição da sociedade propagadora de valores e conhecimentos, configurar-se e fortalecer-se como canal de reflexão sobre as responsabilidades que envolvem a sexualidade e, por consequência, métodos contraceptivos, gravidez, aborto,

Aids e prevenção de outras doenças sexualmente transmissíveis (DSTs). Afinal, a escola é um lugar privilegiado para os primeiros encontros, primeiros namoros, primeiros amores. Olhar com intolerância para esse fato real é perder a grande oportunidade de participar da formação dos jovens a partir de uma nova perspectiva. (HEILBORN, 2008, p. 4).

Para que isso aconteça a contento, entendemos que se faz necessário um comprometimento político que traga formação inicial e continuada de professores/as sobre a questão, bem como a distribuição de materiais didáticos voltados para as temáticas de gênero e sexualidade, além de uma gestão escolar democrática e laica, envolvendo toda a comunidade escolar, serviços de saúde, de proteção às crianças e adolescentes, organismos da sociedade civil que trabalhem com o assunto, dentre outros.

Outro ponto a ser considerado, é tentar desconstruir a ideia de que a gravidez na adolescência só vai trazer problemas, consequências desastrosas, tristeza e o fim da juventude. Com o apoio correto, a prevenção, o cuidado com os exames e acompanhamento pré-natal, além do afeto, é possível assegurar uma gravidez mais segura e mais feliz para a/o jovem. Diminuir o fardo, em um momento tão delicado, será de grande valia, principalmente para o/a bebê.

Sabemos que não é fácil falar sobre sexualidade nas escolas, mas compreendemos ser importante para uma vida saudável das crianças e adolescentes, pois pode permitir condições para que se sintam mais seguros no tocante à sua sexualidade, aprendendo sobre relacionamentos afetivos, métodos contraceptivos, Infecções Sexualmente Transmissíveis - IST's, dentre outras questões voltadas às temáticas. Portanto, acreditamos que o espaço escolar é devidamente credenciado para a reflexão e prevenção sobre a maternidade e paternidade precoce, no intuito de subsidiar a construção de cidadãos/ãs livres e saudáveis.

Como nos propõe o Programa Saúde e Prevenção na Escola em seu “*Guia para a Formação de profissionais de Saúde e de Educação*” (2006, p. 87), vale a pena refletir:

- Que possibilidades têm os/as adolescentes com quem trabalhamos de conseguir métodos contraceptivos de baixo custo?

- Quantas pessoas, entre nós (ou conhecidas por nós), passaram pela experiência de uma gravidez na adolescência em casa e enfrentaram o desafio por meio do apoio social?

- Os serviços de saúde acolhem as adolescentes “não grávidas” ou o acesso a eles só se torna efetivo quando uma gravidez já começou?

- Que diferença podemos observar entre as repercussões de uma gravidez na vida de adolescentes mais ricas/os e mais pobres?

# Atividade Pedagógica 08

## Saúde sexual e reprodutiva

### Direitos sexuais e reprodutivos

#### ❖ OBJETIVO

- Conhecer e conceituar saúde sexual e saúde reprodutiva.
- Conhecer e conceituar direitos sexuais e direitos reprodutivos.

#### ❖ TEMPO ESTIMADO: 50 min

#### ❖ MATERIAIS: Cópias do texto sobre Saúde Sexual e Saúde Reprodutiva. Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos (**Anexo H**). Cópias dos casos (**Anexo I**).

#### ❖ DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE:

1. Colocar a turma em uma roda;
2. Leitura silenciosa dos textos “Saúde Sexual e Saúde Reprodutiva. Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos” 10 min;
3. Divida a turma em 4 subgrupos e distribua os casos sobre os temas;
4. Leitura e debate sobre os casos em turma;
4. Produzir desenhos sobre o que foi debatido em sala de aula;
5. Avaliação da atividade.

#### ❖ QUESTÕES NORTEADORAS:

1. O que vocês entenderam por saúde sexual e saúde reprodutiva?
2. Quais as diferenças entre direito sexual e direito reprodutivo?
3. Qual a importância da garantia dos direitos sexuais e reprodutivos de serem respeitados para a vida de jovens no Brasil?
4. Vocês acham que estes direitos estão sendo respeitados? Então, o que fazer?

**Fonte:** Adaptado do fascículo **Adolescentes e jovens para a educação entre pares: Sexualidades e Saúde Reprodutiva. Saúde e Prevenção nas Escolas, vol.1.** Brasília Ministério da Saúde. p. 53. 2011.

# Atividade Pedagógica 09

## Gravidez na Adolescência e responsabilidades

### ❖ OBJETIVO

- Reconhecer a importância de se falar sobre a gravidez na adolescência;
- Identificar as responsabilidades na maternidade e paternidade precoce;
- Compreender sobre sexualidade, prevenção e contracepção;
- Debater sobre mitos, desinformações, igualdade entre os sexos, valores, sentimentos, emoções e família;
- Discutir sobre a Campanha Nacional 2020, do governo federal, para redução da gravidez na adolescência.

### ❖ TEMPO ESTIMADO: 03 aulas

### ❖ MATERIAIS: Vídeos sobre gravidez na adolescência, “Meninas” e “Com a voz o jovem pai!”, relatos de jovens pais sobre a paternidade (Anexo N), data show, som e notebook. Cópias sobre reportagem da campanha do governo federal, de 2020, sobre gravidez na adolescência. (Anexo J).

### ❖ DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE:

1. Colocar a turma em uma roda;
2. Iniciar a atividade falando sobre possíveis casos de gravidez na adolescência, na escola e a necessidade de se falar sobre o assunto. Falar sobre prevenção, sexualidade e contracepção. Estimular o debate sobre mitos, desinformações, igualdade entre os sexos, valores, sentimentos, emoções e família;
3. Apresentação e debate do Vídeo “Meninas” (escolher apenas um trecho do vídeo);
4. Apresentação e debate do Vídeo “Com a voz o jovem pai!”;
5. Elaborar com os/as alunos/as perguntas para uma entrevista com uma mulher e um homem, que foram mãe e pai na adolescência, em sala de aula;

6. Elaborar um texto dissertativo sobre a temática da gravidez na adolescência.

7. Avaliação da atividade.

❖ **QUESTÕES NORTEADORAS:**

1. Moças e rapazes têm a mesma responsabilidade na gravidez precoce?
2. Como os rapazes lidam com a paternidade? E como as moças lidam com a maternidade? Se dão da mesma forma?
3. Como a família reage a uma gravidez na adolescência? Por quê?
4. Como vocês acham que deve ser a atitude da escola em relação a este tema?

# Atividade Pedagógica 10

## Métodos contraceptivos

### ❖ OBJETIVO

- Reconhecer os métodos contraceptivos.

### ❖ TEMPO ESTIMADO: 100 min

### ❖ MATERIAIS: Materiais sobre os métodos contraceptivos.

### ❖ DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE:

1. Colocar a turma em uma roda;
2. Convidar um profissional da saúde para falar sobre o assunto;
3. Realizar uma roda de conversa;
4. Elaborar campanhas preventivas com os métodos contraceptivos;
5. Avaliação da atividade.

### ❖ QUESTÕES NORTEADORAS:

1. Você conhece os métodos contraceptivos?
2. Você sabe como usá-los?
3. Vocês sabem como adquirir os métodos contraceptivos?
4. E a escola com tudo isso?
5. E a família tem responsabilidades?

## NOSSA (IN) CONCLUSÃO

“Tenho sangrado demais  
Tenho chorado pra cachorro  
Ano passado eu morri  
Mas esse ano eu não morro  
Tenho sangrado demais (demais)  
Tenho chorado pra cachorro  
(preciso cuidar de mim)”

*AmarElo (Emicida- Sample: Sujeito de Sorte - Belchior)*

Estamos sobrevivendo em um país que parece estar dominado por uma “onda ideológica fundamentalista”, que não respeita os direitos das pessoas, não sabe dialogar e onde a diferença se traduz em desigualdades e falta de oportunidades. Citamos o e-book “*Práticas pedagógicas de resistência: a escola como lugar da diversidade*” escrito por Macedo e Barbosa (2019) quando enfatiza as formas como a educação sofre retaliações por forças contrárias, conservadoras e antidemocráticas, destacando que a atuação determinante dos movimentos sociais foi incorporada aos documentos oficiais e às legislações educacionais do país, que têm sofrido diferentes ataques de políticos que disseminam, de forma tendenciosa, especialmente por meio das mídias sociais, dizendo que tais práticas pedagógicas doutrinam e são subversivas. Defender uma educação que seja antirracista, para a equidade de gênero ou o debate sobre a sexualidade em sala de aula, são práticas pedagógicas que respeitam a laicidade e os preceitos legais que determinam uma educação plural e diversa.

Acreditamos na prática pedagógica de resistência, como ecoam Macedo e Barbosa, visto ser uma forma de alcançar a missão da educação que é a de formar cidadãos/ãs, que saibam defender os seus direitos humanos, independente de seus marcadores sociais de diferenças. A diversidade não deve e não pode ser, sinônimo de desigualdade. Da mesma maneira que defendemos a formação inicial e continuada de profissionais da educação, como arcabouço de um processo de ensino-aprendizagem ético, democrático e laico.

Não pretendemos definir ou concluir nossos estudos. O assunto é vasto e deve ser pesquisado, estudado e analisado com cuidado, mas esperamos que o presente *Caderno de orientações Pedagógicas em gêneros e sexualidades na escola* possa despertar o interesse pelas temáticas aqui debatidas, com o intuito de subsidiar a implantação de uma sociedade mais humana e empática, assim como, colaborar com um mundo mais justo e plural, numa perspectiva antissexista, antimachista, antifeminicida, antirracista e antiLGBTIQfóbica.

---

<sup>6</sup> Refere-se à um contexto sócio histórico e político que defende a opinião e a compreensão de ideologias e fundamentos específicos, de forma rígida e inflexível. (MACEDO; BARBOSA, 2019)

## REFERÊNCIAS

BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim (Orgs). **Dossiê: assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2020. Disponível em <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2020/01/dossic3aados-assassinatos-e-da-violc3aancia-contra-pessoas-trans-em-2019.pdf>. Acesso em: 05.03.2020.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Senado Federal. Brasília-DF: 1988. Disponível em: < [https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988\\_05.10.1988/ind.asp](https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/ind.asp) >. Acesso em: 21 dez. 2019.

BRASIL. **Lei Maria da Penha n.º11.340**, de 7 de agosto de 2006. Senado Federal. Brasília-DF: 2006. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/111340.htm)>. Acesso em: 13 dez. 2019.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de vigilância em Saúde. **Saúde e Prevenção na Escola. Guia para a Formação de profissionais de Saúde e de Educação**. Brasília Ministério da Saúde. 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. GDE – **Gênero e Diversidade na Escola**. Formação de professoras/es em gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico raciais. Brasília/Rio de Janeiro: SPM/ CEPESC, 2009.

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Adolescentes e jovens para a educação entre pares: Sexualidades e Saúde Reprodutiva**. Saúde e Prevenção nas Escolas, vol.1. Brasília Ministério da Saúde. 2011.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980 [1949].

BUARQUE DE HOLANDA, Heloísa (org.). **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidades**. São Paulo: Companhia das Letras. 2018

CARDOZO, Guilherme Lima. O Pós-estruturalismo e suas influências nas práticas educacionais: a pesquisa, o currículo e a desconstrução. In: **Pensares em Revista**, Rio de Janeiro, n.4, 2014.

FURLANI, Jimena. **Educação sexual na sala de aula - Relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

FERREIRA, Mary (org). Mulher, Gênero e Políticas Públicas. In: **Movimento Feminista e Políticas Públicas**. São Luís: REDOR, 1999.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Disponível em:

<http://www.forumseguranca.org.br/> Acesso em 26 Jan 2020.

GONZAGA, Juliane de Araújo. **Novo feminismo: acontecimento e insurreição de saberes nas mídias digitais.** (Tese Doutorado), Universidade Estadual Paulista-UNESP “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2018, 393 f.

HEILBORN, Maria Luiza et al. **Gravidez na adolescência e sexualidade: uma conversa franca com educadores e educadoras.** – Rio de Janeiro: CEPESC/REDEH, 2008. 48p. Il.

HEILBORN, Maria Luiza; ARAÚO, Leila; BARRETO, Andreia. (orgs.). **Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça / GPP-GeR. Módulo 2. Políticas Públicas de Gênero.** Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2010.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade.** Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer.** 3 ver amp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

LINS, Debora Acioly et al- **Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola.** São Paulo: Reviravolta, 2016.

MACEDO, Aldenora Conceição de; BARBOSA, Jaqueline Aparecida (Orgs.) **Práticas pedagógicas de resistência: a escola como lugar da diversidade [recurso eletrônico],** Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019.

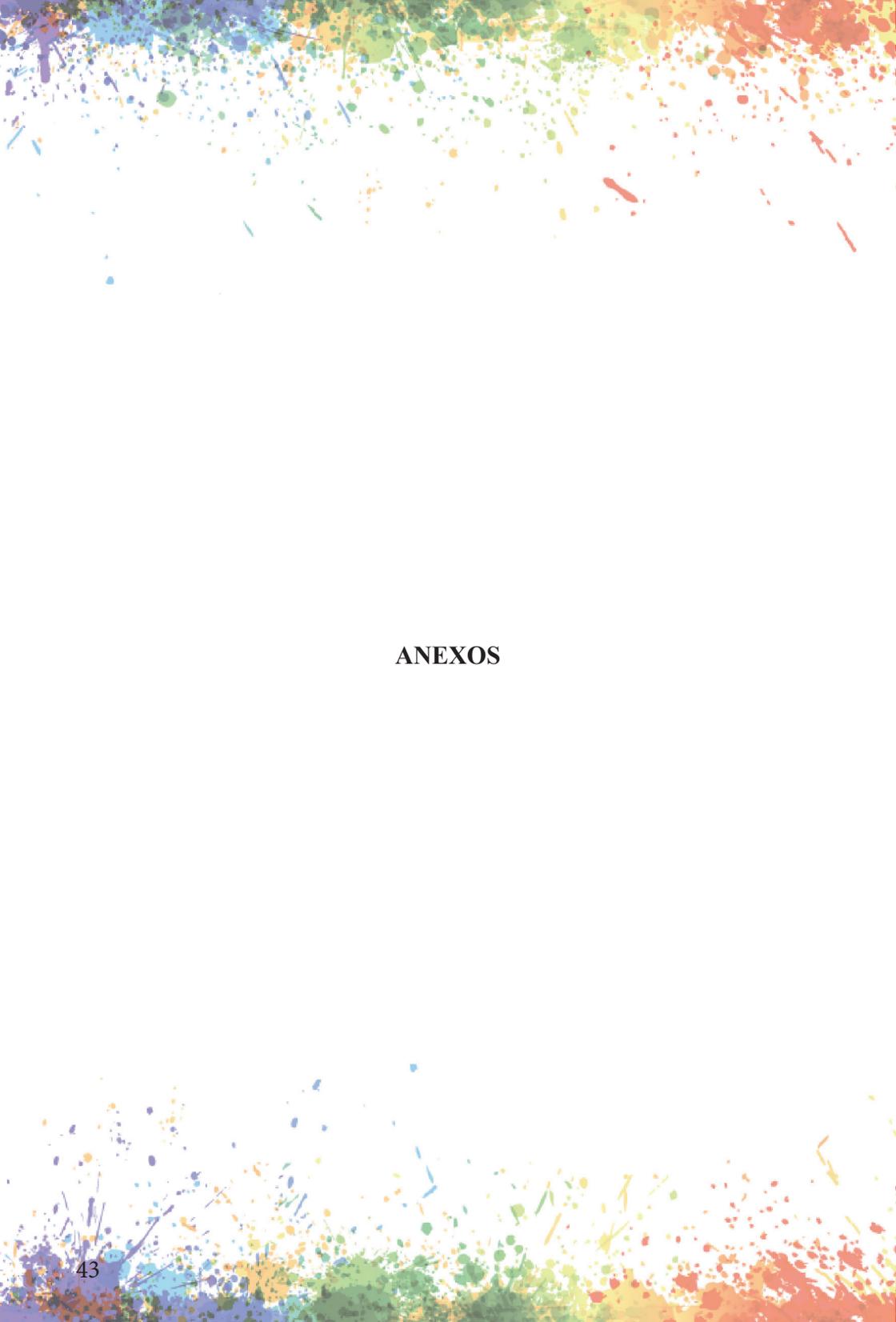
MARIA EDUARDA, **Feminismo x femismo: Qual a diferença?** Revista Superinteressante. Disponível em: <http://super.abril.com.br/blog/turma-do-fundao/feminismo-x-femismo-qual-a-diferenca/> Acesso em: 05. Março. 2020.

PICAZIO, Cláudio. **Sexo Secreto: temas polêmicos da sexualidade.** São Paulo: Summus, 1998.

PINTO, C. R. J. **Uma história do feminismo no Brasil.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitanismo multicultural.** Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

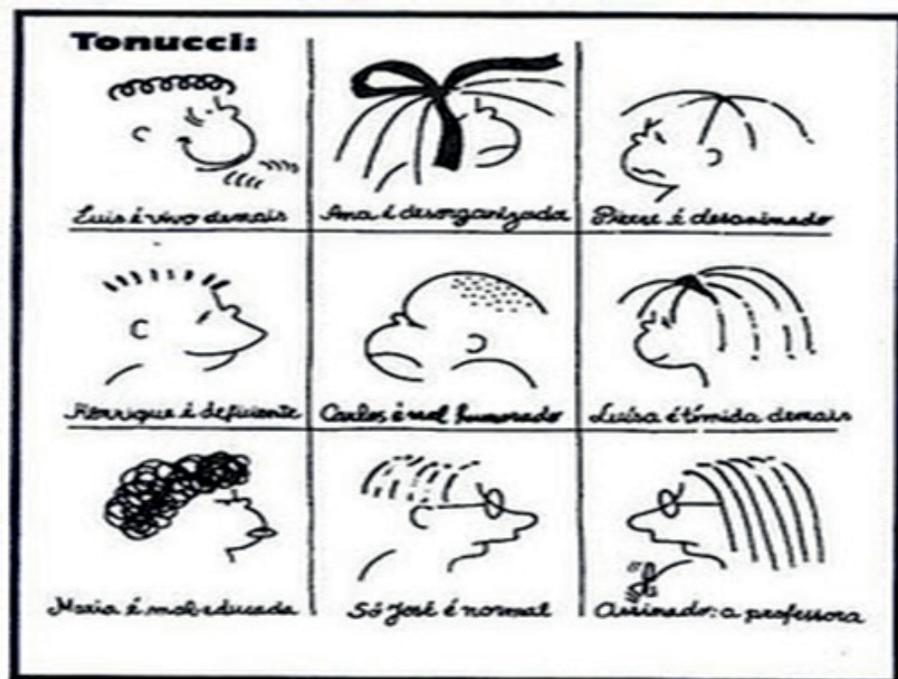
VELASCO, Clara; CAESAR, Gabriela; REIS, Thiago. **Mesmo com queda recorde de mortes de mulheres, Brasil tem alta no número de feminicídios em 2019.** Disponível em: : [https://www.geledes.org.br/mesmo-com-queda-recorde-de-mortes-de-mulheres-brasil-tem-alta-no-numero-de-femicidios-em-2019/?utm\\_source=pushnews&utm\\_medium=pushnotification](https://www.geledes.org.br/mesmo-com-queda-recorde-de-mortes-de-mulheres-brasil-tem-alta-no-numero-de-femicidios-em-2019/?utm_source=pushnews&utm_medium=pushnotification) Acesso em: 05. Março. 2020.

The page features a decorative border of colorful paint splatters in shades of blue, green, yellow, orange, and red, located at the top and bottom edges. The central area is plain white.

## ANEXOS

## ANEXO A

### CHARGE DIVERSIDADE NA SALA DE AULA



Fonte: Disponível em: [https://www.google.com/search?q=tonucci+charges&xsrf=ACYBGNT-0gKn1zNCiJbt-nhGMFG0r4GxLQ:1581260925573&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fpr=CCiIesgtAh1LYM%253A%252C\\_0djmShIIWqU0M%252C\\_&vet=1&usq=AI4\\_kTmbZ5WIG0t3EKFmqZypS6cl6h53w&sa=X&ved=2ahUKEwjjiZ-D38TnAhUoHbkGHcw1C8kQ9QEwAHoECAoQBA&biw=1006&bih=592#imgrc=z-G29iErgYSNbJM](https://www.google.com/search?q=tonucci+charges&xsrf=ACYBGNT-0gKn1zNCiJbt-nhGMFG0r4GxLQ:1581260925573&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fpr=CCiIesgtAh1LYM%253A%252C_0djmShIIWqU0M%252C_&vet=1&usq=AI4_kTmbZ5WIG0t3EKFmqZypS6cl6h53w&sa=X&ved=2ahUKEwjjiZ-D38TnAhUoHbkGHcw1C8kQ9QEwAHoECAoQBA&biw=1006&bih=592#imgrc=z-G29iErgYSNbJM)

Ao analisarmos a charge de Francesco Tonucci, é nítida a perspectiva da professora é que o diferente em relação a ela é o estranho, esquisito e anormal. Tentemos avaliar como os nossos valores que julgamos o outro influenciaram ou não a afirmação ou negação das diferenças. A escola pode contribuir com uma vivência mais democrática, laica e justa diante da diversidade?

## ANEXO B

### NO PAÍS DE BLOWMINSK

Blowminsk é um país onde se proíbe o relacionamento afetivo e sexual entre pessoas do sexo oposto. O homem não pode sentir desejo ou atração nem amar romanticamente uma mulher. E a mulher também não pode sentir desejos afetivo-sexuais por um homem. Os bebês são gerados em provetas e inseminados artificialmente, dando opções maiores aos pais sobre as características que poderão desenvolver. Existem pessoas que tentam quebrar as regras de Blowminsk, relacionando-se com pessoas do sexo oposto ao seu, mas são excluídas da sociedade e vivem em guetos. Ivan e Marina moravam em Blowminsk e frequentavam a mesma escola. Um dia perceberam que algo estranho estava acontecendo entre eles. Tentaram disfarçar, mas foi inevitável que acabassem conversando sobre o desejo que estavam sentindo um pelo outro. Sentiram-se muito angustiados, porque perceberam que eram diferentes das outras pessoas, seus pais não aprovariam e talvez fossem até expulsos da escola. Marina e Ivan tentaram não deixar que a atração se transformasse em atitude.

Mas uma tarde, voltando para casa, não resistiram e, depois de se esconderem atrás de algumas árvores em um parque, beijaram-se apaixonadamente. Eles estavam próximos ao colégio onde estudavam. Os amigos de Ivan, que estavam jogando ali perto, viram a cena e ficaram horrorizados. Xingaram Ivan de “hetero” sujo e deram-lhe alguns pontapés. A direção da escola ficou sabendo e imediatamente os expulsou da instituição, para que não contaminassem os outros alunos.

Os dois pais de Ivan mandaram-no embora de casa, indignados. Marina teve mais sorte. Foi encaminhada para um psicoterapeuta, que explicou à família que os sentimentos de Marina por Ivan não eram doença, nem opção. Esclareceu que ela era normal, igual às outras mulheres, e que a diferença estava em quem ela desejava para amar. (...) Mesmo assim, as duas mães de Marina pediram que ela não se relacionasse mais com alguém do sexo oposto ao seu. Marina, mesmo sabendo que era normal e igual às outras pessoas, sentiu-se indignada por haver sido rejeitada só porque amava diferente, enquanto os amigos que a haviam agredido não tinham sofrido qualquer repressão. Ivan tentou se relacionar com outros meninos, cumprindo o que era esperado pela sua família e pelas normas e valores de Blowminsk. Resolveu não viver mais o seu desejo até que pudesse ser independente. Marina continuou a procurar alguém que sentisse o mesmo que ela e amigos que respeitassem o seu desejo.

**Fonte:** PICAZIO, Cláudio. No país de Blowminsk. In: PICAZIO, Cláudio. **Sexo Secreto:** temas polêmicos da sexualidade. São Paulo: Summus, 1998, pp. 36-37.

## ANEXO C

### Letra música

#### PAULA E BEBETO

Milton Nascimento

Vida vida que amor brincadeira, vera  
Eles amaram de qualquer maneira, vera  
Qualquer maneira de amor vale a pena  
Qualquer maneira de amor vale amar

Pena que pena que coisa bonita, diga  
Qual a palavra que nunca foi dita, diga  
Qualquer maneira de amor vale aquela  
Qualquer maneira de amor vale amar  
Qualquer maneira de amor vale a pena  
Qualquer maneira de amor valerá

Eles partiram por outros assuntos, muitos  
Mas no meu canto estarão sempre juntos, muito  
Qualquer maneira que eu cante esse canto  
Qualquer maneira me vale cantar

Eles se amam de qualquer maneira, vera  
Eles se amam e pra vida inteira, vera  
Qualquer maneira de amor vale o canto  
Qualquer maneira me vale cantar  
Qualquer maneira de amor vale aquela  
Qualquer maneira de amor valerá

Pena que pena que coisa bonita, diga  
Qual a palavra que nunca foi dita, diga  
Qualquer maneira de amor vale o canto  
Qualquer maneira me vale cantar  
Qualquer maneira de amor vale aquela

Qualquer maneira de amor valerá [ra/noticia/2017/03/apos-agressao-dan-dara-foi-morta-com-tiro-diz-secretario-andre-costa.html](http://ra/noticia/2017/03/apos-agressao-dan-dara-foi-morta-com-tiro-diz-secretario-andre-costa.html)

07/03/2017 16h45 - Atualizado em  
08/03/2017 06h04

Travesti Dandara foi apedrejada e  
morta a tiros no Ceará, diz secretário  
Travesti Dandara dos Santos, de 42  
anos, foi agredida e assassinada.  
Polícia prendeu dois homens e  
apreendeu três jovens; um segue  
foragido.

Disponível em: <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2017/03/apos-agressao-dandara-foi-morta-com-tiro-diz-secretario-andre-costa.html>

Mulher trans é expulsa de shopping  
após ser proibida de usar banheiro  
feminino

Nas imagens, ela diz que foi  
proibida de entrar e acusou os  
funcionários do local de homofobia  
Por: Thayane Maramaldo 04 de  
Janeiro de 2020

Disponível em: <https://oimparcial.com.br/brasil-e-mundo/2020/01/mulher-trans-e-expulsa-de-shopping-apos-ser-proibida-de-usar-banheiro-feminino/>

### SEM SOLUÇÃO

Caso Lucas continua uma incógnita  
Mãe de Lucas Silva, jovem  
assassinado, afirma que não sabia  
da possível homossexualidade do  
filho

Por: Esaú Araújo 08 de Junho de  
2017

Disponível em: <https://oimparcial.com.br/cidades/2017/06/caso-lucas-continua-uma-incognita>

### DIVERSIDADE

141 pessoas morreram por  
LGBTfobia no Brasil em 2019, diz  
relatório

GIOVANNA GALVANI 17 DE MAIO  
DE 201

Disponível em: <https://www.carta-capital.com.br/diversidade/141-pessoas-morreram-por-lgbtphobia-no-brasil-em-2019-diz-relatorio/>

# ANEXO E

## TIPOS DE VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

**VIOLÊNCIA  
PSICOLÓGICA**

**VIOLÊNCIA  
FÍSICA**

**VIOLÊNCIA  
MORAL**

**VIOLÊNCIA  
PATRIMONIAL**

**VIOLÊNCIA  
SEXUAL**

## CICLO DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

**ISOLAMENTO SOCIAL  
DA VÍTIMA**

**DEPENDENCIA  
AFETIVA**

**DEPENDENCIA  
ECONOMICA**

**NEGAÇÃO SOCIAL DO  
PROBLEMA**

**RISCOS DE VIDA PARA  
ELA, FILHOS/AS E  
FAMÍLIA**

# ANEXO F

## FACES DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES



## ANEXO G

### Letra de Música

#### “TRISTE, LOUCA OU MÁ”

Francisco, el Hombre

Triste, louca ou má  
Será qualificada  
Ela quem recusar  
Seguir receita tal

A receita cultural  
Do marido, da família  
Cuida, cuida da rotina

Só mesmo, rejeita  
Bem conhecida receita  
Quem não sem dores  
Aceita que tudo deve mudar

Que um homem não te define  
Sua casa não te define  
Sua carne não te define  
Você é seu próprio lar

Um homem não te define  
Sua casa não te define  
Sua carne não te define

Eu não me vejo na palavra  
Fêmea, alvo de caça  
Conformada vítima

Prefiro queimar o mapa  
Traçar de novo a estrada  
Ver cores nas cinzas  
E a vida reinventar

Que um homem não te define  
Sua casa não te define  
Sua carne não te define  
Você é seu próprio lar

Fonte: [https://www.google.com/search?q=letra+triste+louca+ou+m%C3%A1&rlz=1C1YSNG\\_enBR693BR693&oq=letra+triste&aqs=chrome.3.69i57j017.10458j0j9&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com/search?q=letra+triste+louca+ou+m%C3%A1&rlz=1C1YSNG_enBR693BR693&oq=letra+triste&aqs=chrome.3.69i57j017.10458j0j9&sourceid=chrome&ie=UTF-8)

## ANEXO H

### Saúde Sexual e Saúde Reprodutiva

Em 1994, no Egito, aconteceu uma Conferência<sup>7</sup> muito importante. A maioria dos países estava presente e foi assinado um documento com o compromisso de se programar uma série de ações relacionadas à igualdade entre mulheres e homens, ao planejamento reprodutivo, à prevenção das DST, HIV e aids, dentre outros. O Brasil foi um dos países que assinou! Lá, também, foram criados dois conceitos importantes: o de saúde sexual e o de saúde reprodutiva.

Saúde sexual é a integração dos aspectos somáticos, emocionais, intelectuais e sociais do ser sexual, de maneira a enriquecer positivamente e a melhorar a personalidade, a capacidade de comunicação com outras pessoas e o amor. O propósito dos cuidados da saúde sexual deveria ser o melhoramento da vida e das relações interpessoais, e não meramente orientação e cuidados relacionados à procriação e doenças sexualmente transmissíveis.

A saúde reprodutiva é definida como sendo o estado de bem-estar físico, mental e social em todos os aspectos relacionados ao sistema reprodutivo, às suas funções e processos e não à mera ausência de doenças ou enfermidades. A saúde reprodutiva implica que as pessoas sejam capazes de desfrutar uma vida sexual segura e satisfatória, com liberdade para decidir se querem ou não ter filhos(as), o número de filhos(as) que desejam e em que momento da vida gostariam de tê-los(as).

O relatório dessa Conferência traz uma série de recomendações e uma delas é que os países garantam o direito dos(as) adolescentes e jovens à educação, à informação e à assistência para saúde reprodutiva. Que reduzam significativamente o número de gestações entre adolescentes e que os programas envolvam e qualifiquem todas as pessoas, instituições, comunidades, escolas etc. responsáveis pela orientação de adolescentes e jovens, no tocante ao seu comportamento sexual e reprodutivo.

O governo brasileiro reconhece que a saúde sexual e a saúde reprodutiva de adolescentes e jovens são direitos que devem ser assegurados para que o exercício da sexualidade seja livre e protegido. No contexto da saúde reprodutiva, isso significa que deve incluir:

- ✓ Orientação, informação, educação, comunicação e serviços de planejamento reprodutivo (métodos contraceptivos).
- ✓ Cuidados pré-natais, parto seguro e cuidados pós-natais – especialmente amamentação e cuidados para a criança e para a mulher.
- ✓ Prevenção e tratamento apropriado da infertilidade.
- ✓ Prevenção do aborto inseguro, incluindo prevenção do aborto e atenção às consequências que poderão advir.

Só que tem uma coisa muito importante: para garantir que os direitos sexuais e direitos reprodutivos sejam respeitados é preciso, antes de tudo, conhecê-los e batalhar para que eles funcionem, na prática, do jeito que os(as) adolescentes e jovens querem e necessitam.

## Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos

A definição do Ministério da Saúde para os Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos é a seguinte:

Os Direitos Sexuais e os Direitos Reprodutivos dizem respeito a muitos aspectos da vida: o poder sobre o próprio corpo, a saúde, a liberdade para a vivência da sexualidade, a maternidade e a paternidade. Mas podemos dizer que dizem respeito, antes de mais nada, aos acordos para a vida em sociedade e à cidadania.

Os **direitos reprodutivos** compreendem o direito básico de todo casal e de toda pessoa escolher o número de filhos(as), o espaçamento entre um e outro; a oportunidade de ter filhos(as), de ter informação e meios de assim o fazer, gozando dos mais elevados padrões de saúde sexual e reprodutiva. Incluem os direitos:

✓ De mulheres e homens poderem decidir, livre e conscientemente, se querem ou não ter filhos(as); se querem, em que momento de suas vidas e quantos(as) filhos(as) desejam ter.

✓ De tomar decisões sobre a reprodução, livre de discriminação, coerção ou violência.

✓ De homens e mulheres participarem com responsabilidades iguais na criação os(as) filhos(as).

✓ De acesso aos serviços de saúde pública de qualidade, durante todas as etapas da vida.

✓ De adoção e tratamento da infertilidade.

✓ De acesso aos meios, informações e tecnologias reprodutivas cientificamente testadas e aceitas.

Os **direitos sexuais**, por sua vez, procuram garantir o direito de todas as pessoas:

✓ Viver a sexualidade sem medo, vergonha, culpa, falsas crenças e outros impedimentos à livre expressão dos desejos.

✓ Viver a sua sexualidade, independentemente do estado civil, idade ou condição física.

✓ Escolher o(a) parceiro(a) sexual sem discriminações e com liberdade e autonomia para expressar sua orientação sexual.

✓ Viver a sexualidade livre de violência, discriminação e coerção e com o respeito pleno pela integridade corporal do(a) outro(a).

✓ Praticar a sexualidade independentemente de penetração.

- ✓ Insistir na prática do sexo seguro para prevenir a gravidez não desejada e as doenças sexualmente transmissíveis, incluindo HIV e aids.

Cabe ao poder público o compromisso de fornecer todas as informações, bem como facilitar o acesso de adolescentes e jovens a todos (as) os métodos anticoncepcionais. Por outro lado, cabe também aos/às adolescentes e jovens se comprometerem a ter uma prática sexual protegida e livre de qualquer tipo de preconceito.

Todos devem estar comprometidos e batalhando juntos para se construir uma cultura de sexualidade saudável, livre e protegida.

**Fonte:** BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Adolescentes e jovens para a educação entre pares:** Sexualidades e Saúde Reprodutiva. Saúde e Prevenção nas Escolas, vol.1. Brasília Ministério da Saúde. p. 15-17, 2011.

# ANEXO I

## CASOS

### Caso 1

Heloísa é uma jovem de dezessete anos que vai a uma festa e conhece João, que tem 22 anos. Eles têm relações sexuais sem camisinha porque ele disse que a camisinha tira o prazer. Muito apaixonados, eles continuam se encontrando durante quatro meses. Certo dia, sua ex-namorada o procura para contar que está infectada pelo vírus HIV. João fica apavorado e conta a situação a Heloísa. Ela fica chocada e não sabe o que fazer.

### Caso 2

Marisa é uma adolescente de dezoito anos e começa a trabalhar como secretária numa firma. Seu chefe pede que ela fique trabalhando até quando já não há mais ninguém no escritório. Na hora que estão sozinhos, ele toca o corpo dela e a beija. Ela não quer e não gosta disso, mas aceita porque tem medo de perder o emprego. E cada vez que o chefe pede que ela fique até mais tarde ela fica apavorada e não sabe o que fazer.

### Caso 3

Duas adolescentes, Tânia de 14 anos e Kátia de 15, procuram um profissional de saúde com o objetivo de iniciar a anticoncepção. O profissional as recebe de rosto fechado e pergunta se os pais sabem que elas estão lá. Elas dizem que não. Em seguida ele diz que elas são muito novas para ter vida sexual e que a “anticoncepção faz mal para crianças”.

### Caso 4

Daniel é um adolescente de quinze anos, que procura um(a) professor(a) para pedir ajuda, porque, no dia anterior, estourou sua camisinha. O(a) professor(a) diz que ele tem de procurar o serviço de saúde. Ele vai e, depois de muito trabalho para conseguir ser atendido, o médico conversa não mais que três minutos com Daniel. O médico diz que não há nada a fazer, que ele reze para não haver gravidez e que a namorada deve procurar o serviço de saúde, caso a menstruação atrase.

**Fonte:** Extraído do fascículo **Adolescentes e jovens para a educação entre pares: Sexualidades e Saúde Reprodutiva**. Saúde e Prevenção nas Escolas, vol.1. Brasília Ministério da Saúde. p. 53. 2011

## Com alerta contra o sexo precoce, governo lança campanha de prevenção à gravidez na adolescência

Campanha foi criticada antes mesmo do lançamento porque ministério chegou a dizer que seria baseada no incentivo à abstinência sexual.

Por Nicole Borges, G1

03/02/2020 17h26 Atualizado há 5 dias

<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/02/03/com-a-lerta-contr-o-sexo-precoce-governo-lanca-campanha-de-prevencao-a-gravidez-na-adolescencia.ghtml>

## Governo lança campanha para reduzir gravidez na adolescência

Tudo Tem seu Tempo é o mote da campanha

Publicado em 03/02/2020 - 17:52 Por Pedro Ivo Oliveira – Repórter da Agência Brasil – Brasília  
<http://agenciabrasil.abc.com.br/saude/noticia/2020-02/governo-lanca-campanha-para-reduzir-gravidez-na-adolescencia>



## ANEXO K

### DICAS DE LEITURAS

BRASIL. Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República. **Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de LGBT**. Brasília: SEDH, 2009.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Enfrentando a violência contra a mulher**. Brasília: SEPM, 2005.

**CADERNO DE ATIVIDADES GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA:** uma proposta de ação.

Disponível em: <http://www.e-clam.org/downloads/Caderno-de-Atividades-GDE2010.pdf>

**ECOS: Comunicação em Sexualidade (vários autores)**. Caderno da hora. Masculinidade e violência: o que gênero tem a ver com isso? Violência de gênero: o que pensam os nossos jovens? São Paulo: ECOS, 2005.

**ECOS; INSTITUTO PAPAI; WORLD EDUCATION**. Trabalhando com mulheres jovens: empoderamento, cidadania e saúde. Manual M. Rio de Janeiro: Promundo, 2008. Disponível em: <https://promundoglobal.org/wp-content/uploads/2014/12/Programa-M-Trabalhando-com-Mulheres-Jovens.pdf>

**INSTITUTO PROMUNDO. Da violência para a convivência. Manual H**. Volume 2, 2011 (Série Trabalhando com Homens Jovens). Disponível em: <http://institutopapai.blogspot.com/p/programa-h.html>

**GÊNERO FORA DA CAIXA - Guia Prático para Educadores e Educadoras**. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/53958394/Genero-Fora-da-Caixa-Guia-Pratico-para-Educadores-e-Educadoras>

SANTOS, Cecília MacDowell; IZUMINO, Wânia Pasinato. **Violência contra as mulheres e violência de gênero: notas sobre estudos feministas no Brasil**. Disponível em: <http://www.compromissoeatitude.org.br/violencia-contras-as-mulheres-e-violencia-de-genero-notas-sobre-estudos-feministas-no-brasil-por-cecilia-macdowell-santos-e-wania-izumino/>

**SAÚDE E PREVENÇÃO NAS ESCOLAS: ATITUDE PRA CURTIR A VIDA; guia para a formação de profissionais de saúde e de educação** – Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000221903>

**Saúde Sexual e Saúde Reprodutiva**. Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude\\_sexual\\_saude\\_reprodutiva.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_sexual_saude_reprodutiva.pdf)

SECAD – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Gênero e diversidade sexual na escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos**. Cadernos SECAD. Brasília: Secad/MEC, 2007.

## ANEXO L

### SITES RECOMENDADOS

Associação Nacional de Travestis e Transexuais <https://antrabrasil.org/>  
Grupo Gay da Bahia – GGB <https://grupogaydabahia.com.br/>  
Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Sexualidade nas Práticas Educativas (Gesepe) – <https://gesepeufma.wisite.com/gesepe>  
Compromisso e Atitude - <http://www.compromissoeatitude.org.br/>  
Secretaria da Mulher do Maranhão <https://mulher.ma.gov.br/>  
Secretaria de Estado de Direitos Humanos e Participação Popular <https://se-dihpop.ma.gov.br>  
Instituto Sou da Paz ([www.soudapaz.org](http://www.soudapaz.org))  
Unifem ([www.unifem.org.br](http://www.unifem.org.br))  
Secretaria Especial de Políticas das Mulheres ([www.sepm.gov.br](http://www.sepm.gov.br))  
Marcha Mundial de Mulheres ([www.sof.org.br/marcha](http://www.sof.org.br/marcha))  
União Brasileira de Mulheres ([www.ubmulheres.org.br](http://www.ubmulheres.org.br))  
Secretaria da Identidade e Diversidade – Ministério da Cultura ([www.cultura.gov.br](http://www.cultura.gov.br))  
Laço Branco ([www.lacobranco.org.br](http://www.lacobranco.org.br))  
Promundo ([www.promundo.org.br](http://www.promundo.org.br))  
Instituto Papai ([www.papai.org.br](http://www.papai.org.br))  
Patrícia Galvão ([www.agenciapatriciagalvao.org.br](http://www.agenciapatriciagalvao.org.br))  
Ecos ([www.ecos.org.br](http://www.ecos.org.br)) • Cipó ([www.cipo.org.br](http://www.cipo.org.br))  
Hip Hop Mulher (<http://hiphopmulher.ning.com>)  
Quebre o ciclo pelo Fim da Violência contra a Mulher ([www.quebreociclo.com.br](http://www.quebreociclo.com.br))  
Pró-Mulher ([www.promulher.org](http://www.promulher.org))  
Coletivo Feminista (<http://coletivofeminista.blogspot.com>)  
União de Mulheres ([www.uniaodemulheres.org.br](http://www.uniaodemulheres.org.br))  
Fala Preta ([www.falapreta.org.br](http://www.falapreta.org.br))  
Geledés ([www.geledes.org.br](http://www.geledes.org.br))  
Universidade Livre Feminista ([www.feminismo.org.br](http://www.feminismo.org.br))  
Campanha dos 16 dias de ativismo pelo fim da violência contra as mulheres ([www.campanha16dias.org.br](http://www.campanha16dias.org.br))  
Fundação Perseu Abramo ([www.fpabramo.org.br](http://www.fpabramo.org.br))  
Instituto Avon ([www.institutoavon.org.br](http://www.institutoavon.org.br))  
Cfemea ([www.cfemea.org.br](http://www.cfemea.org.br))

## ANEXO M

# SESSÃO PIPOCA

### ❖ Sobre sexualidade, orientação sexual e identidade de Gênero:

**Orações para Bobby** – Direção: Russell Mulcahy, 19 . Mary uma devota cristã que criou seus filhos com os ensinamentos conservadores da Igreja Presbiteriana e mãe do Bobby que confia ao irmão mais velho que talvez seja gay, o que muda a vida da família inteira. Mary não aceita e acredita que Deus pode curar o filho. Depressivo, Bobby decide sair de casa. Classificação etária: 14 anos.

**Tomboy** - Direção: Celine Sciamma, França/Suíça, 2011. Mikael joga bola com os meninos, se veste como menino até paquera uma vizinha. O que ninguém sabe é que seu sexo biológico é feminino. Tomboy é um termo criado para caracterizar garotas que têm hábitos ou características típicas de meninos. Classificação etária: 12 anos.

**Minha vida em cor de rosa** – Direção: Alain Berliner. Bélgica, 1997. Um menino que se identifica como menina. O filme relata a vida desta criança e as situações vivenciadas por ela na família, na escola e na comunidade em que vive. Classificação etária: 14 anos.

**Transamérica** – Direção: Duncan Tucke. EUA, 2004. O filme relata a estória de vida de uma mulher transexual e sobre o seu processo psicológico de identificação de gênero e de transsexualização. Classificação etária: 16 anos.

**Hoje eu quero voltar sozinho** – Direção: Daniel Ribeiro. Brasil, 2014. Aborda a homossexualidade na adolescência, crescimento na juventude e primeiro amor. Classificação etária: 12 anos.

**Milk** – Direção: Gus Van Sant, EUA, 2008. História real da vida de Havey Milk, primeiro homossexual assumido e a ser eleito para cargo político nos EUA. Classificação etária: 18 anos.

**Filadélfia** – Direção: Jonathan Demme. EUA, 1993. Filme traz temas

como direitos humanos e homossexualidade, vírus HIV e discriminação. Classificação etária: 13 anos.

**Kinsey – Vamos falar de sexo?** Direção: Bill Condon, Reino Unido, 2004. O filme fala sobre diversidade da sexualidade humana. É sobre a vida do pesquisador Alfred Kinsey, um dos primeiros a estudar sobre a sexualidade. Classificação etária: 16 anos.

**Billy Elliot** – Direção: Stephen Daldry. Reino Unido, 2000. O pequeno Billy é um menino que ama o ballet, uma atividade associada às meninas. Temas sobre gênero e discriminação. Classificação etária: 12 anos.

**Meninos não choram** - Direção: Kimberly Peirce, EUA, 1999. O filme trata de questões sobre identidade de gênero, violência e discriminação. Relata a história da vida de um rapaz transexual no interior dos EUA. Classificação etária: 18 anos.

**Girls** – 2018. Aos 15 anos, a bailarina Lara enfrenta barreiras físicas e emocionais enquanto se prepara para a cirurgia de confirmação de gênero. Inspirado em uma história real. Netflix Classificação etária: 16 anos.

**Laerte-se** – Direção: Eliane Brum, Brasil, 2017. Documentário. A cartunista Laerte nos convida a conhecer seu mundo e reflete sobre a longa trajetória de sua auto-aceitação como mulher. Netflix. Classificação etária: 14 anos.

**Meu nome é Ray** - 2015. Um jovem lida com as percepções da mãe e da avó sobre sua transição, e seu pai distante se torna parte essencial do processo. Netflix. Classificação etária: 14 anos.

### ❖ Sobre Gênero, Feminismo e Violência contra Mulheres.

**Frida** – Direção: Julie Taymor, 2002. O filme é sobre a vida de Magdalena Carmen Frida Kahlo y Calderón, uma pintora mexicana que criou muitos retratos, autorretratos e obras inspiradas na natureza e nos artefatos do México. Classificação etária: 14 anos.

**Malala** – Direção: Davis Guggenheim, 2015. Documentário. Retrato íntimo da ganhadora do Prêmio Nobel da Paz, Malala Yousafzai, que foi perseguida pelo Talibã e severamente ferida por um tiro quando voltava para casa em seu ônibus escolar no Paquistão. Classificação etária: 12 anos.

**Bata nela.** O que acontece quando colocamos um menino diante de uma menina e pedimos para que ele bata nela?” Com este questionamento em mente, o jornalista italiano Luca Lavarone decidiu reproduzir a cena em questão frente às câmeras com meninos de seis a onze anos, em um minidocumentário. O vídeo não é uma proposta perfeita, mas uma forma de debater violência com meninos.

**As Sufragistas** – Direção: Sarah Gavron, 2015. O filme descreve o início da luta do movimento feminista e os métodos utilizados. A história das mulheres que enfrentaram seus limites na luta por igualdade e pelo direito de voto. Elas resistiam à opressão de forma passiva, mas diante da violência policial, mudam de tática e se rebelam publicamente. Classificação etária: 14 anos.

**Feministas: o que elas estavam pensando?** – Direção: Ohanna Demetrakas, 2018. Um álbum de fotos da década de 1970 captura o despertar de mulheres deixando para trás restrições culturais impostas sobre elas desde sua infância e abraçando a si mesmas por inteiro. Netflix. Classificação etária: 14 anos.

**Não sou um homem fácil** – Direção: Éléonore Pourriat, 2018. Um machista inveterado prova de seu próprio veneno ao acordar em um mundo dominado por mulheres, onde entra em conflito com uma poderosa escritora. Netflix. Classificação etária: 14 anos.

**Elisa y Marcela** – Direção: Isabel Coixet, 2019. Elisa Sánchez Loriga adota uma identidade masculina para poder se casar com a mulher que ama, Marcela Gracia Ibeas, na Espanha de 1901. Baseado numa história real. Netflix. Classificação etária: 16 anos.

**O Silêncio dos Homens** – ONG Papo de Homem, 2019. Documentário sobre as dores, qualidades, omissões e processos de mudança dos homens. Masculinidades tóxicas. Disponível em: <https://papodehomem.com.br/o-silencio-dos-homens-documentario-completo/>

## ANEXO N

### VÍDEOS PARA AS ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

**Qual o meu gênero? Louie Ponto** [https://www.youtube.com/watch?v=QtZPEIpie\\_I&t=145s](https://www.youtube.com/watch?v=QtZPEIpie_I&t=145s)

**O desafio da Igualdade** <https://www.youtube.com/watch?v=04u0UHEq2f4>

**Gênero nas escolas Lorelay Fox** <https://www.youtube.com/watch?v=ZIJ2Ifu6SIM&t=96s>

**Acorda Raimundo, acorda** <https://www.youtube.com/watch?v=HvQaqcYQyxU>

**Orações para Bobby – Trailler** <https://www.youtube.com/watch?v=8f25qorrdEI>

**Minha vida em cor de rosa – Trailler** <https://www.youtube.com/watch?v=D5IEZFA4Pzs>

**Transamérica – Trailler** <https://www.youtube.com/watch?v=aWeC24hpBZw>

**Triste, Louca ou má –** <https://www.youtube.com/watch?v=lKmYTHgBNoE>

**Maria da Penha –** <https://www.youtube.com/watch?v=GBU-nJNlnd0>

**Rosas (Atitude feminina)** <https://www.youtube.com/watch?v=VbqUwwWTBzg>

**Meninas** <https://www.youtube.com/watch?v=f9X8WSWi2I>

**Com a voz o jovem pai!** [https://www.youtube.com/watch?v=QtZPEIpie\\_I&t=145s](https://www.youtube.com/watch?v=QtZPEIpie_I&t=145s)

### VÍDEOS EDUCATIVOS

- Fale sem medo: não à violência doméstica, do Instituto Avon.
- X- Salada pão com ovo, ECOS – Comunicação em Sexualidade.
- Minha vida de João, Instituto Promundo.
- Era uma vez uma outra Maria, Instituto Promundo.
- Pulando o muro, de Reginaldo Bianco, 2009.
- Medo de que? Instituto Promundo.
- Vídeos do Programa Café Filosófico (CPFL Cultura) sobre relações de gênero, com Contardo Calligaris, Maria Rita Kehl, Sérgio Carrara, Anna Verônica Mautner, entre outros.

Adaptado do “Gênero Fora da Caixa - Guia Prático para Educadores e Educadoras”.

2011

## ANEXO O

### CANAIS DE ATENDIMENTO, NO MARANHÃO, PARA MULHERES E PESSOAS DO SEGUIMENTO LGBTIQ, EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA

☆ \*Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher\*:

- (98) 3214- 8649/ 8651

☆ \*Ministério Público do Estado do Maranhão\*

- (98) 3219- 1849/1924

☆ \*Patrulha Maria da Penha\*:

- (98) 99219- 3671

☆ \*Casa da Mulher Brasileira\*:

- (98) 3198- 0100

☆ \*2º Vara Especial de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher\*

- (98) 3231- 0420

☆ \*Defensoria Pública do Estado do Maranhão\*

- (98) 3231- 5819

- (98) 3221- 6110

☆ \*Coordenadoria Municipal da Mulher de São Luís\*

- (98) 99170- 1098

☆ \*Secretaria Estadual de Direitos Humanos e participação Popular\*

Telefone: **(98) 3256- 5347 | (98) 3256- 5335**

☆ \*Coordenação Estadual da Política LGBT\*

Telefone: (98) 3256-5300

☆ \*Conselho Estadual dos Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais do Maranhão (CEDLGBT)\*

Rua Sete de Setembro, Nº 52, Bairro Centro. CEP 65010-120 – São Luís-  
-MA

☆ \*Disque denúncia\*:

- Capital: 3223- 5800

- Interior: 0300 31 35800

- Whatsapp: (98) 99224- 8660

**\*DENUNCIE! \* 180**

## **SOBRE A AUTORA**

### **Rosylene Conceição Soares Cutrim**



Assistente social e pedagoga. Supervisora escolar nas redes de ensino estadual do Maranhão e municipal de São Luís. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica - PPGEEB da Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Membro e pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Sexualidade nas Práticas Educativas - GESEPE/UFMA. Tutora do Curso de Extensão Gênero e Sexualidade na Escola – GSE/GESEPE/UFMA. Foi conselheira do Conselho Estadual da Mulher, Conselho Estadual de Defesa dos Direitos

Humanos, Conselho Estadual da Política da Igualdade Étnico-Racial, Conselho Estadual dos Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais do Maranhão, Comissão Estadual para Erradicação do Trabalho Escravo – COETRAE. Foi Chefa do Departamento de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres, na Secretaria Estadual da Mulher do Maranhão. Coordenou, na Secretaria Estadual de Educação do Maranhão, a Coordenação da Diversidade, Gênero e Sexualidade.

E-mail: [rosyucutrim@gmail.com](mailto:rosyucutrim@gmail.com)

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0201176085831390>

## **SOBRE A ORIENTADORA**

### **Profa. Dra. Sirlene Mota Pinheiro da Silva**



Docente do Departamento de Educação I e do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica - PPGEEB da Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - FEUSP (2015). Pesquisadora e Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Sexualidade nas Práticas Educativas - GESEPE/UFMA. Coordenadora do Projeto de Pesquisa “A Construção das Relações de Gênero e da Sexualidade no Cotidiano Escolar” e do “Curso de Aperfeiçoamento Corpo e Diversidade na Educação”.

Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Relação de Gênero - GEMGe/UFMA. Membro do Conselho Curador e do Conselho Editorial da Revista Científica e Tecnológica da Fundação Sósândrade de Apoio à UFMA - FSADU. Foi Coordenadora do Curso de Especialização e de Aperfeiçoamento Gênero e Diversidade na Escola - GDE/UFMA, do Curso de Especialização em Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça - GPP-GeR/UFMA e do Curso de Extensão Gênero e Sexualidade na Escola - GSE.

E-mail: [sirlene.ufma@gmail.com](mailto:sirlene.ufma@gmail.com)

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5068371548791071>